



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Projecto de Requalificação Industrial do Edifício Real Fábrica Velha, Covilhã

Margarida Ramos Silva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
ArquitECTURA
(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular
Co-orientador: Prof. Doutor João Carlos Gonçalves Lanzinha

Covilhã, Outubro de 2014

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Doutor Jorge E. Ramos Jular, pessoa que admiro e respeito. Por todo o conhecimento transmitido ao longo do curso, por toda a disponibilidade, interesse e amizade mostrados. Pelo ânimo e por me ter acreditado em mim.

Ao meu co-orientador, Prof. Doutor João Carlos Gonçalves Lanzinha, por se ter mostrado sempre disponível e por toda a informação fornecida e, especialmente, pela simpatia.

Aos professores do curso por todos os conhecimentos fornecido e que de alguma forma estiveram presentes.

Aos meus amigos de curso, que completaram esta fase da minha vida e que a tornaram especial fazendo-me crescer. Por todas as horas não dormidas e passadas a vosso lado.

À empresa Fibeira pela cedência de documentação.

À Mélodie por nunca me ter deixado sozinha, por todo o companheirismo, carinho e apoio constante. Por me alegrar até nos momentos de maior cansaço.

Ao Pico, pela preocupação e amizade mostradas. Por saber que sempre que precisasse teria o seu apoio.

Ao Júlio, que mesmo longe esteve presente e foi sempre amigo.

À minha querida Mafalda, por toda a ajuda e por as coisas nunca mudarem entre nós.

À Inês e à Catarina, pela última força.

A todos as raparigas das minhas equipas de basquetebol, que foram incansáveis e me divertiram quando precisei. Pela união que criámos!

Aos meus pais, que nunca desistiram de mim e estiveram do meu lado a toda a hora. Fizeram de mim a pessoa que hoje sou.

À minha irmã, que me completa e que mesmo estando longe a sua voz enche-me a alma e alegra-me.

À minha família, por sempre se orgulhar de mim.

Ao António, em especial, por ser o meu abrigo e nunca me deixar ir a baixo. Obrigada, por tudo!

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo apresentar a proposta de um projecto de requalificação de um edifício industrial localizado na área envolvente da ribeira da Carpinteira na cidade da Covilhã, Portugal. Tem-se como objectivo reavivar esta zona da cidade, dando uma nova função aos edifícios industriais.

Na Covilhã encontram-se inúmeros edifícios deste tipo que foram abandonados com o passar do tempo e que devem ser aproveitados e requalificados, dando espaço a outros programas que não os iniciais. A cidade está a crescer tem vindo a crescer para o vale da Cova da Beira, deixando assim a encosta da Serra da Estrela. A sua zona histórica encontra-se cada vez menos dinâmica e mais despovoada devido à deslocação das suas gentes para o vale.

Requalificando estes edifícios de maneira a acolherem actividades de carácter público e que poderiam tornar-se pontos de atracção para a zona antiga da cidade, reabilitando a mesma, torna-se uma solução. A intenção do projecto é requalificar o edifício da Fábrica Velha, antiga fábrica de lanifícios, de forma a integrar um núcleo de actividades relacionadas com arte e cultura, pensado para receber eventos de música, exposições, teatro, cinema, moda. Deste modo, estes edifícios industriais serão sobreviventes do tempo perpetuando a sua vivência.

A importância de fazer um projecto no património industrial pode ser vista como um fundamento para novas políticas de um região ou cidade, apostando na requalificação/revitalização. A requalificação destes espaços contribui para uma regeneração urbana e cultural e pensar em espaços de criação e acolhimento artístico de modo a conferir uma nova utilização a estes edifícios cria um desenvolvimento turístico. Toma-se, também, consciência sobre o valor destes locais, das paisagens que os envolvem e destes edifícios que caíram em desuso.

Palavras-chave

Indústria, Requalificação, Covilhã, Cultura.

Abstract

This dissertation has the objective to proposal of a project to requalify an industrial building, which is situated near the Carpinteira river, Covilhã.

In Covilhã, we can find innumerable buildings of this kind, which with the passing of time, were abandoned. Due to these unfortunate circumstances, they must be requalified, giving way to new activities. The city has become increasingly less dynamic and depopulated.

By requalifying and rehabilitating these buildings to give way to activities for the public, they become positive and attractive landmarks in the older side of town. The main objective of this project is to requalify the Fábrica Velha building, integrating a core of activities related with culture and art. Yielding opportunities to receive musical events, expositions, theater, cinema and fashion. Having gone from being a survivor of its time to being a lasting presence in the cities life.

The importance of elaborating a project for the industrial heritage can be seen as fundamental for new politicians of a region or city, betting strongly on the requalification/revitalization. The requalification of these spaces contributes to a new urban and cultural regeneration. With the requalification of this building where art can be created and welcomed, giving in to the possibility of an impact on the touristic development. Understanding the value of these buildings due to their location and urban scenery.

Keywords

Industrial, Requalification, Covilhã, Culture.

Índice

CAPÍTULO 1.....	1
1. Introdução.....	3
CAPÍTULO 2 - A COVILHÃ.....	7
2.1 Cidade da Covilhã	9
2.2 Indústria dos Lanifícios na Covilhã.....	21
2.3 Topografia da cidade	27
2.4 Bairros Operários	33
2.5 Covilhã Hoje.....	41
CAPÍTULO 3 - A FÁBRICA VELHA.....	45
3.1 Fábrica Velha.....	47
3.2 Hotel <i>Villa Rica</i> Covilhã	53
CAPÍTULO 4 - CASOS DE ESTUDO.....	55
4.1 Os casos de Estudo	57
4.2 El Matadero Madrid.....	59
4.3 LX Factory, Lisboa.....	63
4.4 <i>Palais de Tokyo</i> , Paris.....	65
4.5 Antiga Alfândega do Porto	67
CAPÍTULO 5.....	69
5.1 Proposta.....	71
CAPÍTULO 6.....	77
6.1 Conclusões.....	79
BIBLIOGRAFIA	81

Lista de Figuras

CAPÍTULO 2

Figura 1 Portugal e mapa da Covilhã.....	9
Fonte adaptado de http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_de_Portugal_-_Distritos_plain.png e http://viajar.clix.pt/mapa.php?c=146&lg=pt&w=covilha (respectivamente)	
Figura 2 Ortofotomapa do Centro da Covilhã.....	10
Fonte Autora	
Figura 3, 4, 5 e 6 Praça do Município, Covilhã	11
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	
Figura 7 Câmara Municipal da Covilhã e Cadeia, estilo filipino.....	11
Figura 8 e 9 Capela de São Martinho	12
Fonte Fotografias da autora	
Figura 10, 11 e 12 Elementos cruciformes gravados em granito.....	12
Fonte Fotografias da autora	
Figura 13, 14 e 15 Janelas manuelinas. Rua das Flores	13
Fonte Fotografias da autora	
Figura 16 Fábrica Velha	14
Fonte www.mafiadacova.blogspot.pt	
Figura 17 Real Fábrica dos Panos	14
Fonte http://traposcacosevelharias.blogspot.pt/2014/04/prato-lavoura-1886-1894-real-fabrica-de.html	
Figura 18 Antiga Praça do Município	14
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	
Figura 19, 20, 21 e 22 Nova Praça do Município de José António Aguiar	15
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	
Figura 23 e 24 Universidade da Beira Interior	16
Fonte www.ubi.pt	
Figura 25, 26, 27 e 28 Universidade da Beira Interior.....	17
Fonte www.ubi.pt	

Figura 29 Calçada Alta	18
Fonte Fotografia da autora	
Figura 30 e 31 Serra Shopping	18
Fonte https://olhe.pt/centro/castelo-branco/covilha/48-serra-shopping e http://www.raildude.com/de/covilhã/stadt/I/12407 (respectivamente)	
Figura 32, 33, 34 e 35 Ponte pedonal do arquitecto Carrilho da Graça	19
Fonte Fotografias da autora	
Figura 36 e 37 Oficinas no centro da cidade.....	22
Fonte Fotografias da autora	
Figura 38, 39 e 40 Ruas do centro da cidade	27
Fonte Fotografias da autora	
Figura 41 e 42 Ruas do centro da Covilhã.....	28
Fonte Fotografias da autora	
Figura 43, 44, 45 e 46 Paisagem Industrial - Horizontalidade	29
Fonte Fotografias e adaptação da autora	
Figura 47, 48, 49 e 50 Paisagem Industrial - Horizontalidade	29
Fonte Fotografias e adaptação da autora	
Figura 51 e 52 Imagem aérea junto ao Polo das Engenharias, UBI - Horizontalidade	30
Fonte Adaptadas de Pedro Lopes Fotografia: https://www.facebook.com/Photospedrolopes?fref=ts	
Figura 53, 54, 55, 56 e 57 Oficinas dentro da cidade	30
Fonte Fotografias da autora	
Figura 58 e 59 Ramôlas	31
Fonte Fotografias da autora	
Figura 60 Edifícios Industriais - Ribeira da Carpinteira	31
Fonte Montagem da autora	
Figura 61 Edifícios Industriais - Ribeira da Goldra	32
Fonte Montagem da autora	
Figura 62 e 63 Bairro dos Penedos Altos, antigamente	33
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	
Figura 64, 65, 66, 67, 68 e 69 Bairro dos Penedos Altos, actualmente.....	34
Fonte Fotografias da autora	
Figura 70, 71 e 72 Bairro do Rodrigo, antigamente	35
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	

Figura 73, 74, 75, 76, 77 e 78 Bairro do Rodrigo, actualmente.....	35
Fonte Fotografias da autora	
Figura 79, 80, 81 e 82 Bairro da Estação, antigamente	36
Fonte www.cidadedacovilha.blogs.sapo.pt	
Figura 83, 84, 85, 86, 87 e 88 Bairro da Estação, actualmente.....	37
Fonte Fotografias da autora	
Figura 88, 89, 90 e 91 Bairro da Biquinha	38
Fonte Fotografias da autora	
Figura 92, 93, 94, 95 e 96 Bairro da Alegria	39
Fonte Fotografias da autora	
Figura 97 e 98 Parkurbis. Parque Industrial do Tortosendo	41
Fonte www.efs.pt/pt/servico/2+57/empreitada-de-concepcao-construcao-do-edificio-sede-da-sociedade-parkurbis-sa/ e www.panoramio.com/photo/55582869	
Figura 99 Parque Industrial do Canhoso	41
Fonte Fotografias da autora	

CAPÍTULO 3

Figura 100 e 101 Fábrica Velha	45
Fonte Fotografias da autora	
Figura 102 Imagem aérea da Fábrica Velha e locais importantes da cidade	47
Fonte Montagem da autora	
Figura 103, 104 e 105 Espaços interiores da Fábrica Velha	46
Fonte Fotografias da autora	
Figura 106 Estrutura da cobertura em madeira	46
Fonte Fotografia da autora	
Figura 107, 108 e 109 Pormenor azul no piso térreo	49
Fonte Fotografias da autora	
Figura 110 Fábrica Velha. Ritmo das janelas	50
Fonte Fotografias e montagem da autora	
Figura 111, 112, 113, 114, 115 e 116 Chaminé em tijolo com estrela e Fábrica Velha	50
Fonte Fotografias da autora	
Figura 117 e 118 Projecto Hotel <i>Villa Rica</i> Covilhã. Render	52
Fonte http://www.fibeira.pt/Grupo-Fibeira.aspx?lang=pt	

CAPÍTULO 4

Figura 119 Locais de estudo escolhidos	55
Fonte Google Earth. 2013.	
Figura 120 El Matadero Madrid	57
Fonte http://blog.mataderomadrid.org/?p=2420	
Figura 121 El Matadero Madrid	58
Fonte http://verynicethings.es/2013/04/cultura-en-el-matadero-de-madrid/	
Figura 122, 123, 124 e 125 <i>El Matadero Madrid</i> - Exterior	58
Fonte Fotografias da autora	
Figura 126, 127, 128 e 129 <i>El Matadero Madrid</i> - Espaços interiores.....	59
Fonte http://www.mataderomadrid.org	
Figura 130, 131, 132, 133, 134 e 135 <i>El Matadero Madrid</i> - RBMA.....	60
Fonte http://afasiaarq.blogspot.com/2012/01/langarita-navarro-arquitectos_30	
Figura 136 Lx Factory	62
Fonte http://arte-factos.net/2011/05/20/coworklisboa-celebra-o-open-day-da-lx-factory/	
Figura 137, 138, 139 e 140 Lx Factory - Espaços Exteriores	63
Fonte Fotografias de Sofia Laia e figura 138 www.bestguide.pt/lx-factory/	
Fonte Fig. 119 http://www.bestguide.pt/lx-factory/	
Figura 141, 142, 143 e 144 Lx Factory - Espaços Interiores	63
Fonte Figura 141 www.d10photo.com/davidpereira/portfolio/index-newspaper-aires-mateus-lx-factory/	
Fonte Figura 142 http://orumdacasa.com/discussion/20941/restaurante-no-lx-factory/	
Fonte Figura 143 www.desigbarcelona.com/blog/es/centro-cultural-el-matadero-de-madrid/	
Fonte Figura 144 http://turismo.ig.com.br/destinos_internacionais/2011/03/05/36+horas+em+lisboa+10375611.html	
Figura 146 Palais de Tokyo	64
Fonte http://contemporaryartparis.perso.sfr.fr/palaisdetokyo.html	
Figura 147, 148, 149, 150, 151 e 152 <i>Palais de Tokyo</i> - Exterior e Interior	65
Fonte http://www.palaisdetokyo.com	

Figura 153 Centro de Congressos Alfândega do Porto	66
Fonte http://www.ccalfandegaporto.com	
Figura 154, 155, 156 e 157 Centro de Congressos Alfândega do Porto - Exterior	67
Fonte http://www.ccalfandegaporto.com	
Figura 158, 159, 160, 161, 162 e 163 Centro de Congressos Alfândega do Porto - Espaços Interiores	67
Fonte http://www.ccalfandegaporto.com	

CAPÍTULO 5

Figura 164 Cobertura antes e depois do incêndio de 1851, respectivamente	71
Figura 165 Esquema do volume central do edifício da Fábrica Velha.....	71
Figura 166 Esquema do piso térreo e sua distribuição	72
Figura 167 Esquema do piso 1 e sua distribuição	73
Figura 168 Esquema do piso 2 e sua distribuição	74
Figura 169, 170 e 171 Caixas dentro de uma grande caixa	75
Figura 172, 173, 174, 175 e 176 Estúdios de gravação	75

Lista de Tabelas

CAPÍTULO 5

Tabela 1 Resumo do Programa	74
-------------------------------------	----

Lista de Acrónimos

a.C.	Antes de Cristo
RBMA	<i>Red Bull Music Academy</i>
UBI	Universidade da Beira Interior
Nº	Número
TCT	Teixoso-Covilhã-Tortosendo
AVAM	<i>Artistas Visuales Asociados de Madrid</i>

CAPÍTULO 1

1. Introdução

Tem-se vindo a assistir a um desenvolvimento vincado na cidade da Covilhã. Desde a instalação da indústria têxtil neste local, a cidade tem vindo a crescer a partir da encosta da Serra da Estrela até ao vale da Cova da Beira. Este desenvolvimento teve altos e baixos conforme o funcionamento da actividade têxtil.

A Covilhã teve um passado bastante activo com a indústria têxtil ganhando nome a nível europeu. Com isto ganhou bons alicerces, crescendo solidamente, tendo boas previsões para o futuro. Ainda assim, a sua zona histórica foi perdendo movimento tendo este se deslocado para a zona do vale, com o crescimento que este local sofreu. Conforme o desenvolvimento da cidade deparamo-nos com a falta de dinamismo, especialmente, a nível cultural. Mesmo possuindo uma grande sala de espectáculos no centro da cidade a actividade cultural foi esmorecendo, sendo agora notável cultural foi esmorecendo, sendo agora notável a falta da mesma.

O estudo da cidade foi feito consoante o seu património industrial, história, topografia ou até mesmo os seus bairros.

A cidade da Covilhã possui um vasto património industrial onde a maior parte dos edifícios se encontram desactivados e ao abandono. Marca-se, então, a necessidade de se reabilitar estes espaços que, outrora, foram dinamizadores da cidade.

A decisão tomada em reabilitar um dos muitos edifícios industriais, teve como objectivos a requalificação industrial, a valorização do património industrial, criar dinamismo cultural na cidade da Covilhã.

A cidade está repleta de características marcantes. Ruas e ruelas com um declive sinuoso, o caudal das suas ribeiras, as chaminés de tijolo que sobressaem do aglomerado da cidade. Está preenchida com fábricas por toda a parte, destacando-se a horizontalidade dos seus edifícios e a verticalidade das chaminés dos mesmos.

Num passado não muito longínquo de hoje, a cidade deixou os seus dias de auge pelo esmorecimento da sua indústria passando a necessitar de uma requalificação industrial de forma a que as suas memórias não se percam com o passar dos anos. A cidade deixou de ter tanto movimento como na altura do seu auge. Precisa agora de dinamismo e atractividade e trazer arte e cultura é uma solução. Assim se devolve à cidade a sua vida movimentada de outros tempos.

Enquadramento-Contexto

Foi escolhido como local de estudo a zona da ribeira da Carpinteira, na cidade da Covilhã, distrito de Castelo Branco, devido às características da sua envolvente. A ribeira da Carpinteira encontra-se entre a zona antiga da cidade e o bairro dos Penedos Altos que foi construído para as famílias dos operários da indústria têxtil cujas casas seriam primeiramente ocupadas pelos mesmo.

Teve-se em conta pontos fortes relativos à sua localização estratégica dentro da cidade. Pode-se criar uma ligação com a universidade devido à sua aproximação com o Polo IV - Ernesto Cruz, além disso, encontra-se a cerca de 25 minutos a pé da Estação de Caminhos de Ferro.

O vasto núcleo de edifícios industriais que aí se encontra cria um especial interesse nesta área. A maioria destes edifícios encontra-se ao abandono formando um “cemitério” de edifícios industriais. Deparamo-nos com alguns destes edifícios num grau de deterioração muito avançado. Surgindo interesse de requalificar esta zona de forma a devolver alguma actividade e atractividade.

Estes edifícios tornam-se interessantes devido à sua história sendo testemunhos de um tempo que vai passando. Com a sua arquitectura contam a história de uma vida de determinada época ganhando valor patrimonial. A sua arquitectura torna-se especialmente favorável para a proposta que se pretende fazer pois oferece espaços amplos que são o ideal para acolher as actividades pretendidas.

Com isto, pretende-se criar um espaço que acolha eventos de carácter cultural com o objectivo de dar dinamismo à cidade.

A ponte pedonal do arquitecto Carrilho da Graça é outro foco importante para a escolha deste lugar. Tornou-se num factor importante para a valorização do local por ser uma construção cada vez mais conhecida ajudando na atracção de pessoas. É muito importante especialmente para os habitantes do bairro dos Penedos Altos pois faz uma ligação mais directa do bairro com a cidade, facilitando o caminho do peão. Além disso, estar nesta ponte proporciona uma vista fantástica sobre a ribeira da Carpinteira.

O projecto proposto pretende resolver os problemas que foram colocados, como actividades culturais e dinâmica que não se presenteiam na cidade e que a mesma merece possuir.

Metodologia - estrutura

A metodologia da dissertação desenvolveu-se em três fases:

1) abordagem teórica, havendo uma contextualização histórica da cidade e da sua indústria dos lanifícios; estudando a sua topografia, assim como, alguns dos seus bairros operários que completariam a indústria; e contextualizando a cidade actual. O estudo de alguns casos interventivos, de reabilitação possivelmente semelhante.

2) Análise do local, identificando as necessidades e os problemas existentes no local; estudo do edifício a nível histórico e arquitectónico e, também, de possíveis propostas para o mesmo.

3) Desenvolvimento prático desde a idealização passando pelo funcionalismo e terminando no projecto e pormenorização. Com base nos estudos realizados foi desenvolvido um espaço de carácter cultural mantendo o máximo possível do edifício existente, tentando realçar as suas características principais. Fez-se uma “limpeza” interior do edifício, retirando todas as paredes existentes, e organizando os seus espaços interiores consoante a estrutura existente de maneira a mantê-la.

Tiveram-se em conta pontos fortes relativos à sua localização estratégica dentro da cidade. Pode-se criar uma ligação com a universidade devido à sua aproximação com o Polo IV - Ernesto Cruz e, além disso, o nosso edifício encontra-se a cerca de 25 minutos a pé da Estação de Caminhos de Ferro.

O vasto núcleo de edifícios industriais que se encontra no local escolhido cria um especial interesse nesta área. A maioria destes edifícios encontra-se ao abandono formando um “cemitério” de edifícios industriais. Deparamo-nos com alguns destes edifícios num grau de deterioração muito avançado. Surgindo interesse de requalificar esta zona de forma a devolver alguma actividade e atractividade.

Estes edifícios tornam-se interessantes devido à sua história sendo testemunhos de um tempo que vai passando. Com a sua arquitectura contam a história de uma vida de determinada época ganhando valor patrimonial. A sua arquitectura torna-se especialmente favorável para a proposta que se pretende apresentar pois oferece espaços amplos que são o ideal para acolher as actividades pretendidas.

Com isto, pretende-se criar um espaço que acolha eventos de carácter cultural com o objectivo de dar dinamismo à cidade.

A ponte pedonal do arquitecto Carrilho da Graça é outro foco importante para a escolha deste lugar. Tornou-se num factor importante para a valorização do local por ser uma construção

cada vez mais conhecida, ajudando na atracção de visitantes. É muito importante especialmente para os habitantes do bairro dos Penedos Altos pois faz uma ligação mais directa e de nível do bairro com a cidade, facilitando o caminho do peão. Além disso, estar nesta ponte proporciona uma vista fantástica sobre a ribeira da Carpinteira.

O projecto proposto vai resolver os problemas que foram colocados, como actividades culturais e dinâmica que não estão disponíveis na cidade e que a mesma merece possuir.

CAPÍTULO 2

2.1 Cidade da Covilhã

Situamo-nos em Portugal continental, e bem no seu interior encontramos a cidade da Covilhã. Cresce desorganizadamente pela encosta sudeste da Serra da Estrela.

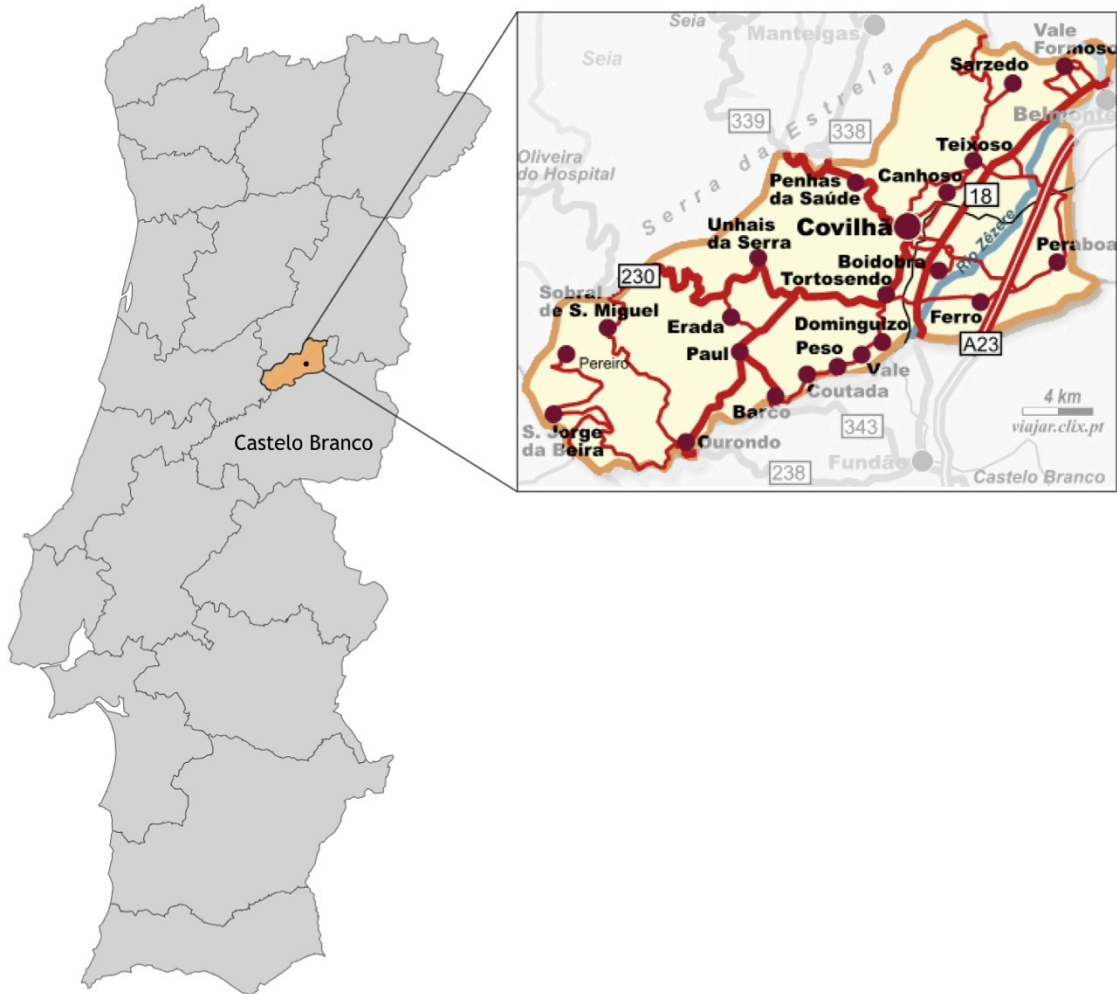


FIG. 1 | Portugal e mapa da Covilhã.

É provável que o seu desenvolvimento urbano tenha tido início em 500 a.C.¹ e que por questões defensivas, construiu um núcleo fortificado a meio da encosta. A muralha da cidade sofreu várias invasões. As qualidades de fortificações foram reforçadas pelos romanos, de maneira a criar uma muralha mais resistente. As invasões seguiram-se e os muçulmanos não davam tréguas. Só no século XIII é que foi conseguida a sua estabilização. No decorrer dos séculos XIV e XV, comunidades judaicas fixaram-se na zona o que teve grande importância e influência no desenvolvimento da cidade. Ao estabelecerem-se na cidade construíram representações da sua religião e comunidade que, mais tarde, seriam adaptadas a outras

¹ BRITO, Joana. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. "A Cidade Industrial -

funções. Estas construções deixaram uma grande marca na definição da cidade pois, foi com estas famílias que surgiu o trabalho nos lanifícios.

A Covilhã é uma terra caracterizada pela sua difícil distribuição urbanística, com ruas enviesadas, claustrofóbicas, muito labirínticas e de acentuadas inclinações. Mesmo assim, foi um grande foco dinamizador da economia e da indústria portuguesas.



FIG. 2 | Ortofotomapa do centro da Covilhã.

Cidade da lã e da neve, onde sempre esteve presente o seu cariz operário é hoje uma cidade de universidade pública, sendo este o maior factor dinamizador da sua economia actual. Na sua história, sempre esteve ligada às actividades pastorícias, à prática da transumância e ao tratamento da lã.

Com um tecido urbano ao estilo do traçado medieval, de ruas estreitas e irregulares, até há poucos anos a Praça do Município da Covilhã era de estilo filipino, resultando das obras aqui realizadas pelos reis castelhanos. Em 1614 foi mandado construir o edifício dos Paços do Concelho pelos Filipes. Era um edifício grande e pesado que, para além dos serviços municipais albergava a prisão do concelho e que tinha em frente um vasto terreiro que, mais tarde, se transformou no centro cívico da cidade e no qual se levantou um pelourinho.

"A praça do município, foi antigamente uma praça arborizada, com bancos e no centro teve coreto onde, em dias festivos tocavam as bandas da cidade. Os edifícios envolventes tinham como característica essencial o estilo renascentista."²

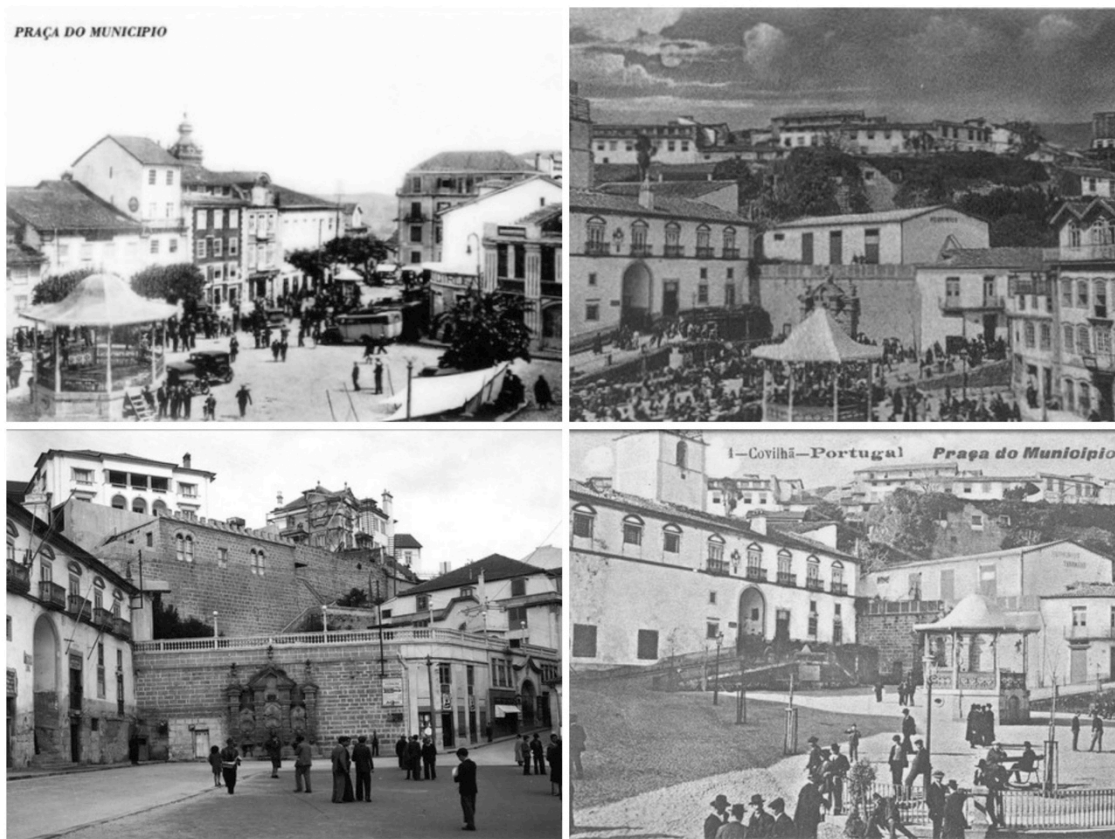


FIG. 3, 4, 5 e 6 | Praça do Município, Covilhã.

Nos anos 40 a praça começou a sentir uma remodelação profunda e a 12 de Outubro de 1958 foi inaugurado o novo edifício da Câmara Municipal. Para este edifício se erguer foi derrubado o antigo edifício filipino.



FIG. 7 | Câmara Municipal da Covilhã e Cadeia, estilo filipino.

² <http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/4370.html>

Pela cidade encontram-se vestígios de outros estilos e épocas. A capela de São Martinho é a capela mais antiga da cidade tratando-se de um templo de estilo românico primitivo que poderá ter sido construído nos primeiros anos da fundação da Covilhã como vila.



FIG. 8 | Capela de São Martinho.



FIG. 9 | Capela de São Martinho.

Pela zona judaica da cidade, junto ao pelourinho, encontram-se vestígios do estilo manuelino, como a janela manuelina na rua das Flores. Ainda existem alguns vestígios que se tornam despercebidos, do estilo judaico como elementos cruciformes gravados nas pedras de granito.



FIG. 10, 11 e 12 | Elementos cruciformes gravados em granito.

Em algumas das ruas circundantes à praça podem-se encontrar vestígios deste estilo. Além do filipino, encontramos o estilo manuelino dando como exemplo a janela manuelina da Rua da Flores, localizada na Judiaria da Covilhã.



FIG. 13, 14 e 15 | Janelas manuelinas. Rua das Flores.

Após a expulsão dos judeus na cidade, em 1614, a Covilhã destaca-se pela sua organização e crescimento urbano que, ao contrário do que acontecia nas grandes cidades, se desenvolvia a grande velocidade.

Marcados por um grande crescimento populacional na cidade, os séculos XVI e XVII são caracterizados pelo crescimento ocorrido dentro das muralhas. Mais ruas se constroem adaptando-se à topografia.

A Covilhã é “delimitada” pelas suas ribeiras da Carpinteira e da Goldra que descem ao longo da serra atravessando o actual núcleo urbano da cidade. Graças a estas linhas de água, a indústria sofreu um forte desenvolvimento devido à energia hidráulica produzida a partir das mesmas. Também conhecida pela sua paisagem, a Covilhã apresenta um interessante núcleo de arqueologia industrial ao longo das duas ribeiras, composto por dezenas de edifícios em ruínas. A fábrica-escola, mais conhecida por Fábrica Velha e fundada pelo Conde da Ericeira, situa-se junto da ribeira da Carpinteira. Na ribeira da Goldra encontra-se a antiga Real Fábrica dos Panos, criada pelo Marquês de Pombal em 1763. Actualmente a sede da Universidade da Beira Interior (UBI) ocupa este edifício onde se pode visitar o Museu dos Lanifícios, considerado anteriormente o melhor núcleo museológico desta indústria a nível europeu. Estas duas fábricas referidas foram as primeiras fábricas de renome nacional que apareceram no século XVII.



FIG. 16 | Fábrica Velha.



FIG. 17 | Real Fábrica dos Panos.

No século seguinte a Covilhã começa a ser conhecida por “cidade-fábrica” devido à intensificação da produção industrial dos lanifícios.

Por fim, no século XX, mais propriamente nos anos 50, José António Aguiar é o agente responsável pela Covilhã com que hoje nos deparamos. Autor do Plano Geral de Urbanização da Covilhã de 1951 - exigido por Duarte Pacheco que era o Ministro das Obras Públicas e Comunicações do Estado Novo - definiu como objectivos principais a construção de uma nova Praça do Município e, também, melhorar as condições de vida das populações e criar uma boa rede de comunicações.



FIG. 18 | Antiga Praça do Município.



FIG. 19, 20, 21 e 22 | Nova Praça do Município de José António Aguiar.

Após a intervenção de José António Aguiar, em 1951, foi criado o instituto de ensino superior nesta região, em 1975. Onze anos mais tarde, tornou-se universidade, Universidade da Beira Interior e instala-se nas antigas fábricas que, na altura, se encontravam abandonadas pela indústria. A sua ocupação iniciou-se nas margens da ribeira da Goldra, onde foram criados dois pólos da instituição e, nos anos 90, começa a ocupar a margem da ribeira da Carpinteira. Deste modo, a implantação das instalações da universidade destes antigos espaços industriais tornou-se numa solução para o problema do abandono de tantos edifícios, muitos deles que se encontravam até aqui em ruínas. Esta solução foi bastante positiva para a cidade em termos urbanísticos pois voltou a dar-se função a estes edifícios que têm muita importância para a cidade e para a sua história.

Como está referido na dissertação de Joana Brito³, a universidade foi o primeiro impulso de maneira a reabilitar e preservar a história e identidade da Covilhã. Os edifícios industriais tiveram o seu papel importante no desenvolvimento da cidade e, agora, como universidade podem continuar a seguir esse caminho mas com novas funções. A UBI adquiriu “diversos conjuntos industriais, a *Real Fábrica dos Panos*, a *Real Fábrica Veiga*, a *fábrica de Sebastião*

³ DE BRITO, Joana. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Ciclo de Estudos Integrado. “A Cidade Industrial - Reabilitação e Renovação de Identidade. Caso de Estudos: Tinturaria Pettruci”. Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2012.

da Costa Rato, diversos imóveis pertencentes ao Conjunto Industrial da Fonte do Lameiro, a Fábrica dos Buréis do Convento de Santo António, o conjunto das râmolas de sol e do estendedouro de lãs do Sineiro e os complexos fabris da empresa Ernesto Cruz e da empresa João Roque Cabral.”⁴ Assim, a universidade apodera-se de uma grande parte do património industrial tornando-se num símbolo da Covilhã. Antes cidade-fábrica, com a indústria, agora cidade-universitária com a universidade. Com o crescimento da UBI a cidade evoluiu também, assim como, a sua sociedade construindo novas realidades para a mesma.

Dito isto, conclui-se que a Universidade da Beira Interior desempenha um dos principais papéis na transformação dos antigos complexos fabris da cidade, que se encontravam desactivados. A universidade ganhou o “carácter de pólos universitários”⁵ que, assim como a cidade-fábrica onde cada complexo tinha um papel notável no funcionamento colectivo agora os pólos universitários funcionam de igual maneira.



FIG. 23 e 24 | Universidade da Beira Interior.

⁴ DE BRITO, Joana. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Ciclo de Estudos Integrado. “A Cidade Industrial - Reabilitação e Renovação de Identidade. Caso de Estudos: Tinturaria Petrucci”. Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2012.

⁵ [4].



FIG. 25, 26, 27 e 28 | Universidade da Beira Interior.

Ainda é visível na cidade a decadência da indústria, visto que ainda são muitos os edifícios que se encontram abandonados e em ruínas, especialmente junto da ribeira da Carpinteira.

Uma marca nos anos 70 do desenvolvimento urbano da cidade da Covilhã ocorreu na rua José Ramalho. Mais conhecida como Calçada Alta devido à sua grande inclinação foram-se construindo edifícios habitacionais ao longo de toda a rua, com vistas para a ribeira da Goldra.



FIG. 29 | Calçada Alta.

Mais tarde, nos anos 90, a rua Mateus Fernandes foi crescendo junto ao bairro do Rodrigo, um dos bairros operários da cidade. Assim, começa a crescer para o vale Cova da Beira. Primeiramente a Avenida da Anil, junto das escolas Pêro da Covilhã e Quinta das Palmeiras. E posteriormente a avenida Alameda Europa onde se localizam vários edifícios habitacionais e o maior centro comercial da Covilhã, o Serra Shopping.

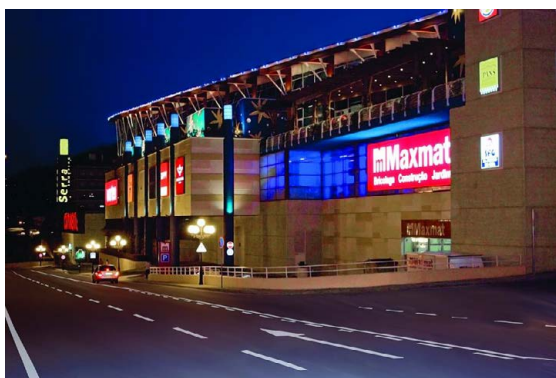


FIG. 30 e 31 | Serra Shopping.

No último ano do século XX é criado o Programa Polis para a Covilhã. Este programa tinha como objectivos a requalificação e valorização urbana e ambiental compreendendo os vales das ribeiras da Carpinteira e da Goldra. Como este indica, para conseguir estes objectivos era necessário promover o tratamento paisagístico das áreas degradadas e a demolição de edifícios prejudiciais à qualidade urbana e que estavam num estado de degradação não recuperável. Para esta requalificação urbana um ponto importante foi a melhoria das acessibilidades às margens das ribeiras, assim como, a sua atratividade. Outros focos do programa Polis foram a construção de espaços de lazer como parques públicos e espaços verdes e, ainda, a reabilitação de pequenos conjuntos de edifícios, e a valorização de elementos de interesse como ruínas de carácter monumental ou pontes do caminho-de-ferro.

A instalação de núcleos museológicos ajudaram na preservação e valorização dos espaços, reabilitando alguns edifícios industriais e preservando a memória industrial da cidade.

Visto ser uma cidade bastante acidentada coloca-se a dificuldade da mobilidade pedonal. Uma melhoria neste aspecto construindo pontes para peões e ciclistas (como a ponte do arquitecto Carrilho da Graça, na ribeira da Carpinteira). A criação destas pontes torna o acesso mais fácil das zonas residenciais à área central da cidade e são uma solução para o plano horizontal da cidade. Com o seu terreno acentuado coloca-se a questão de como facilitar os acessos pedonais a nível vertical. O Programa Polis propunha-se instalar meios mecânicos mais uma vez para facilitar o acesso pedonal ao centro urbano.



FIG. 32, 33, 34 e 35 | Ponte pedonal do Arquitecto Carrilho da Graça.

“Salvaguardar o que resta e garantir no futuro uma cidade aberta aos vales e à paisagem tendo cuidado com a localização das áreas de expansão urbana, para evitar a repetição dos erros que se verificam no casco urbano.”⁶

De forma a que fosse possível a despoluição das ribeiras, tornava-se necessário criar uma alternativa de relocalização das indústrias poluentes para um local mais a baixo da ribeira da

⁶ Programa Polis.

Carpinteira e próximo da zona industrial e do eixo TCT (via distribuidora de maior tráfego que une o Teixoso, Covilhã e Tortosendo) de maneira a desviar o trânsito das viaturas pesadas do centro da cidade.

Mais um aspecto do Programa Polis para a valorização urbana da cidade da Covilhã era requalificar o seu extenso património industrial seleccionando os edifícios pela sua localização emblemática como o vale da ribeira da Carpinteira, e aproveitando os edifícios para fins culturais, didácticos e pedagógicos e valorizando a envolvente destes conjuntos.

Para junto da ribeira da Carpinteira estava previsto um jardim acima da ponte do Alçada e junto à discoteca Companhia que possuiria equipamento desportivo e recreativo apropriado a idades jovens e a criação de um parque de estacionamento de apoio aos equipamentos.

Estavam previstos ainda algumas demolições e, relativamente à Fábrica Velha, estava proposta a demolição de um pequeno corpo que foi construído mais recentemente, na parte da frente do alçado principal da fábrica, pois este volume esconde e reduz a qualidade arquitectónica do corpo principal.

O programa teve uma grande importância na evolução da cidade e continua a tê-la até aos dias de hoje, pois, entre os outros objectivos indicados em acima, o programa tentava corrigir o sistema de implantação das novas construções de maneira a integrá-las na paisagem. Assim, a reabilitação da cidade e a sua evolução poderiam manter a sua identidade.

“Deste modo, a Covilhã de hoje denuncia os processos e alterações de que foi alvo ao longo da sua história. O seu edificado representa as suas diferentes fases, desde a sua formação até aos dias de hoje.”⁷

A paisagem industrial da Covilhã conta a sua história industrial e da sua evolução.

⁷ ESPÍRITO SANTO, Teresa. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. “Covilhã - Paisagem Industrial”. Universidade de Coimbra. 2010.

2.2 Indústria dos Lanifícios na Covilhã

Tudo começou na lã. Como matéria-prima reporta-nos às nossas origens, afirmando uma das relações mais vivas do homem com a natureza; protegendo-nos do frio da montanha, do calor dos vales, da chuva e da neve e dos pós dos caminhos da transumância e está presente desde a antiguidade até aos nossos dias.

Esta matéria-prima pode ser considerada cara assim como o seu processo de produção complexo e extenso. Na Europa Ocidental esta produção envolve mão-de-obra qualificada e a *“sua produção destina-se fundamentalmente a uma gama de consumidores com maiores exigências em termos de moda e mais elevado poder de compra.”*⁸

O sector têxtil é, desde sempre, um dos sectores-chave para o desenvolvimento económico das sociedades e a cidade da Covilhã sempre foi conhecida pela sua conotação de cidade industrial ao longo dos seus tempos.

A sua localização geográfica era propiciadora da produção da lã praticada na Serra da Estrela. A prática têxtil tornou-se tradição ao longo dos tempos, visto que, na manufactura dos lanifícios envolvia a maior parte da população que aqui vivia. Outro dos factores decisivo para o estabelecimento desta actividade foi fazer parte de uma rota de trocas comerciais que ajudaram a potenciar o seu crescimento.

A actividade começa com base doméstica levando ao aparecimento da manufactura. As unidades industriais começam a localizar-se junto das ribeiras de maneira a aproveitarem a qualidade da água para as lavagens e para a produção de energia hidráulica, pois as pequenas unidades industriais e oficinas localizavam-se mais junto ao castelo por não serem dependentes deste tipo de energia.

Na segunda metade do século XVIII, surgem fortes transformações a nível socioeconómico e cultural, conseqüentes da Revolução Industrial. Entre 1878 e 1890 assistiu-se na Covilhã a um afluxo populacional do campo para a cidade, que se traduziu num crescimento da população urbana muito superior ao crescimento da população das aldeias rurais. Este fenómeno é resultante do surto industrial que aqui se fez sentir neste mesmo período. Isto porque Portugal não aderiu aos avanços tecnológicos provenientes da revolução industrial assim que estes apareceram - só um século mais tarde é que chega a Portugal o processo de industrialização.

⁸ PINHEIRO, Elisa Calado. *Rota da Lã Translana - Percursos e Marcas de um Território de Fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca, Tajp, Salor, Almnte (Espanha). Volume I.* Museu dos Lanifícios. Universidade da Beira Interior. 2008.

Neste tempo a Covilhã ainda era considerada vila, passando a ter o título de cidade a partir do dia 20 de Outubro de 1870 em resultado da sua actividade e importância económica.

Devido ao referido êxodo rural, muitas das gentes que se dedicavam às actividades agrícolas, transferiram-se para a cidade iniciando-se na actividade industrial. Este acontecimento deveu-se ao desenvolvimento industrial. Na Covilhã não havia nenhum complexo fabril que tivesse todas as fases da produção têxtil; era apenas um conjunto disperso de edifícios fabris e oficinas domésticas. Assim com a actividade de cada pequena e média oficina desenvolveram-se indústrias completas.

Foi apenas na última década dos anos oitocentos que a Covilhã reunia todas as condições que a definiam como cidade industrial e operária.

Não só as grandes unidades industriais que se concentravam junto das ribeiras contavam para esta definição. A estas acrescentavam-se todas as inúmeras pequeníssimas unidades ou oficinas, que apenas se dedicavam a uma parcela de todo o processo de produção. Era a tecelagem que, particularmente, se praticava mais nestas pequenas unidades, sendo tecelagem doméstica mas onde os tecelões laboravam por conta das fábricas.

Não havia concentração por parte destas pequenas unidades. Encontravam-se espalhadas por toda a cidade, especialmente nas ruas e ruelas onde habitavam as famílias operárias.



FIG. 36 e 37 | Oficinas no centro da cidade (Conta-se que foram os judeus que trouxeram a indústria têxtil para a Covilhã e as suas oficinas situavam-se junto das suas casas, daí a existência de vãos lado a lado como estes. Daí se tornarem despercebidas no meio das habitações. Estas habitações/oficinas encontram-se no centro da cidade da Covilhã).

Por esta razão, a população industrial era muito numerosa. António Assunção cita em *O Movimento Operário da Covilhã*⁹ que “documentos oficiais afirmavam que praticamente todos os habitantes da cidade exerciam actividades lanificiais”.¹⁰

A Covilhã compreendia entre os 10.000 e os 20.000 habitantes em 1890. “Esta elevada concentração populacional agravada pela reduzida área urbanizada da cidade, que dava origem a uma promiscuidade extrema, arrastava consigo fenómenos sociais característicos dos centros industriais e operários da época.”¹¹ Estas dificuldades eram como, por exemplo, o problema da habitação e todas as carências daqui provenientes. Tudo no domínio da falta de saneamento que gerava epidemias e elevada mortalidade infantil, que era extremamente elevada nas famílias operárias. A prostituição, a criminalidade e o alcoolismo vieram agravar toda a situação.

Acontece que, na década de 1890 e 1900, há uma ligeira desaceleração no crescimento da população portuguesa. Seguida de uma quebra absoluta, a estagnação deste crescimento é explicado pela emigração que ocorre nesta década, isto tudo devido à crise industrial que se instalou em Portugal e que se fez sentir na cidade da Covilhã.

Neste período fábricas encerraram, moradias encontravam-se sem vida.

Ao contrário do que se notava na Covilhã-cidade, freguesias que a esta pertenciam viam aumentar a sua população já no século XX. Tortosendo, Aldeia do Carvalho, Unhais da Serra e Paul venciam esta emigração. Apesar de ter aumentado em todas estas freguesias, foi no Tortosendo que se notou um maior crescimento demográfico. O crescimento que se verificava nestas freguesias ia contra o fenómeno que ocorria em Portugal. Pode-se explicar este acontecimento devido ao facto de estas freguesias viverem de outras actividades como a agricultura mas, também, porque aqui se encontravam pequenos núcleos industriais desde o século anterior que, por alguma razão, sobreviveram à crise sentida no país e consequentemente na cidade.

Em 1908 a monarquia começa a passar por maus momentos, por serem os últimos anos da monarquia começa-se a sentir a escassez de dinheiro na monarquia e com isto o povo revoltou-se ocorrendo o regicídio do rei que governava D. Carlos I. Após as dificuldades a nível social e económico do ano de 1908, a indústria dos lanifícios da Covilhã começa a dar sinais de melhoria como refere Assunção em *O Movimento Operário da Covilhã*¹². Esta recuperação fez notar-se nos finais do ano de 1909, em que a cidade pôde sentir alívio e bem-estar. No ano seguinte, com a implantação da república em Outubro de 1910 a produção fez

⁹ ASSUNÇÃO, António Rodrigues. *O Movimento Operário da Covilhã. Volume II (1907-1926)*.

¹⁰ [9].

¹¹ [9].

¹² [9].

notar-se e subiu para níveis muito superiores ao dos anos anteriores e, assim, se manteve nos anos seguintes.

A Covilhã volta a estar em pleno e vê de novo toda a sua actividade industrial activa.

Ainda de acordo com Assunção a chamada indústria caseira mantinha-se viva quer no interior da própria cidade quer um pouco espalhada por todas as freguesias circundantes da Covilhã, como eram exemplo a Boidobra e o Teixoso.

Como já foi referido anteriormente neste capítulo a tecelagem predominava nestas pequenas oficinas caseiras. Em 1907 os tecelões exerciam quase na totalidade em suas casas mas por conta das fábricas. *“Esta tecelagem ao domicílio prevalecia ainda nos anos vinte, sendo exercida por conta da fábricas da cidade (...)”*¹³ A recuperação sentida na Covilhã, a partir de 1908, foi visível na produção mas, também, na criação de novos estabelecimentos o que gerou um aumento de emprego. Este investimento nas novas unidades industriais levou a um outro investimento. A compra de máquinas tornou-se essencial. O investimento na força motriz e na mecanização foi notória especialmente na secções da tecelagem.

A indústria têxtil continua assim o seu esforço para se modernizar nos processos maquinofactureiros, enquanto se verifica um enfraquecimento na manufactura. Contudo, continua a *“prevalecer o trabalho manufactureiro, assente nos teares manuais e na força e arte dos tecelões.”*¹⁴

É conhecido que em 1909¹⁵ havia, nesta cidade, 254 teares mecânicos mas, “lutavam” contra 708 teares manuais o que nos indica a prevalência dos processos manufactureiros nesta indústria. Os sectores de cardação e da fiação ainda se encontravam muito atrasados. Com isto, eram necessários maiores volumes de mão-de-obra para satisfazer as necessidades da produção, especialmente, em alturas onde esta tomava maiores proporções. É entre 1909 e 1914 que a força motriz continua em crescimento e que é dado como necessário o investimento em novas unidades industriais e em maquinaria.

*“Verifica-se que a força proveniente do vapor e dos motores de explosão predominava na indústria, apesar de o tradicional ramo hidráulico assumir ainda uma forte presença na indústria da Covilhã.”*¹⁶ Acontece que a energia hidráulica teve sempre um papel muito importante no território português graças à grande disponibilidade de linhas de água por todo o país. Além disto, havia escassez de combustíveis, como o carvão, a nível nacional, para produzir vapor daí se destacar a energia hidráulica por ser um recurso mais abundante e com linhas de água de caudais adequados.

¹³ ASSUNÇÃO, António Rodrigues. *O Movimento Operário da Covilhã. Volume II (1907-1926)*.

¹⁴ [13].

¹⁵ [13].

¹⁶ [13].

Mais importante do que a energia a vapor, no território português, graças à disponibilidade de linhas de água com canais adequados e à carência nacional de combustíveis sólidos como o carvão para produzir vapor.

Durante a primeira metade do século XX, a cidade atingiu o seu desenvolvimento máximo na indústria têxtil. Foi nesta altura que os acessos à cidade se tornaram mais fáceis, com o desenvolvimento da linha dos caminhos-de-ferro da Beira Baixa e, posteriormente, com a construção da estrada nacional.

Depois de tudo o que vivenciou, a Covilhã foi um caso único em Portugal. Sobreviveu e revigorou-se na sua actividade industrial em forma de monoprodução usando os seus próprios meios e, sempre que possível, potenciando-os. Conseguiu resistir a quase todas as novidades trazidas pela revolução industrial.

Covilhã em crise

Todo o desenvolvimento industrial da Covilhã acabou por ser afectado com as crises sentidas ao longo do tempo no país. Mais de um século antes da emigração da década de 1890 a 1900 sentida no país foi assinado, em Portugal, um tratado entre o mesmo e Inglaterra. No dia 27 de Dezembro de 1703 o tratado assinado, em Lisboa, lança a indústria da Covilhã numa grande crise. Este tratado, o tratado de *Mettween*¹⁷ estipulava que o rei português importasse, sempre, para o seu reino os panos das fábricas de lanifícios de Inglaterra - isto já acontecia até ter sido proibido pelas leis. Em troca, Inglaterra era obrigada a receber os vinhos provenientes de Portugal. Deste modo, Portugal alcançava a preferência dos vinhos na Inglaterra mas, isto provocou um grande golpe sobre a indústria nacional. Este tratado não trouxe nada de novo a Portugal. Anteriormente, Inglaterra já dava preferência aos vinhos nacionais por serem de maior qualidade que os vinhos franceses. O tratado de *Mettween* dura até 1842.

Antes de tratados e crises sentidas na indústria, a fraude já era aqui conhecida. Nos Regimento de Panos de 1690 era proibido o uso do “pau campeche” nas tinturarias. Este pau vinha da colónia espanhola da Nicarágua sendo esta a razão da sua proibição. Assim, os tintureiros eram obrigados a usar o “pau do brasil” de origem na colónia portuguesa com o mesmo nome. Era mais barato que o “pau campeche” mas, o último dava mais solidez à cor e uma aparência melhor às fazendas.

A Real Fábrica dos Panos usou o pau de campeche, durante o século XVIII, o que provocou reclamações ao rei. Além destas denúncias, já eram conhecidos muitos modos de fraude.

¹⁷ DA SILVA, José Aires. *História da Covilhã - (1870 - 1970) Centenário da Cidade*. Edição do autor. 1970.

Tanto nas cores falsas dadas às fazendas como no aumento de metros que lhes faziam dar nas râmolas.

Mais tarde, com a crise de 1890-1900, a maior parte dos conjuntos fabris não conseguiu resistir levando ao seu encerramento.

Esta crise deveu-se ao facto de o país não conseguir acompanhar o desenvolvimento tecnológico que acontecia no resto da Europa. Pela primeira vez, este atraso fez-se sentir na produção e na sua mercantilização provocando fortes quebras nestes sectores. Deixou assim, fortes quebras na sociedade, economia e desenho urbano da cidade.

2.3 Topografia da Covilhã

A topografia da cidade da Covilhã destaca-se como uma das suas maiores características e também obstáculo para a história do desenvolvimento da indústria têxtil. Este factor criou grandes dificuldades ao crescimento da indústria pois os meios de comunicação não se conseguiam desenvolver o suficiente de maneira a promover a mesma.

Além da sua difícil distribuição urbanística sempre houve grandes dificuldades em aceder à cidade. Situada na encosta da Serra da Estrela tornava-se complicado a criação de acessos fáceis. Para combater estas dificuldades no crescimento das unidades industriais criaram-se os conhecidos parques industriais nas zonas periféricas da cidade. Primeiramente o parque industrial do Canhoso e anos mais tarde o parque industrial do Tortosendo tendo também como objectivo retirar a circulação das viaturas pesadas do centro da cidade.

A Covilhã é conhecida por ter ruas e ruelas, todas enviesadas, claustrofóbicas e até labirínticas. A isto acrescenta-se a inclinação acentuada que quase sempre está presente.



FIG. 38, 39 e 40 | Ruas do centro da Covilhã.



FIG. 41 e 42 | Ruas do centro da Covilhã.

O seu funcionamento assim como a sua estética e até mesmo os seus elementos formais determinantes do desenho urbano estão intrinsecamente ligados à sua evolução e vivência industrial.

A cidade foi crescendo consoante as suas necessidades e, deste modo, foi-se adaptando de acordo com as possibilidades dos terrenos. Com este crescimento natural e assimétrico acabou por adoptar uma topografia abrupta.

Contudo dá-nos uma paisagem industrial, onde os edifícios industriais se tornam presentes em toda a cidade. Outra grande característica pertencente a estes mesmos edifícios são as chaminés de tijolo criando um contraste entre a horizontalidade das fábricas e a verticalidade das chaminés. Este elemento marca especialmente a paisagem da cidade e é um símbolo do progresso técnico no desenvolvimento da industrial, e está quase sempre associado ao aparecimento da energia a vapor. Continuam a predominar as linhas horizontais nos edifícios, em resultado das necessidades de produção e da sua adaptação ao terreno.



FIG. 43, 44, 45 e 46 | Paisagem Industrial - Horizontalidade.



FIG. 47, 48, 49 e 50 | Paisagem Industrial - Horizontalidade.

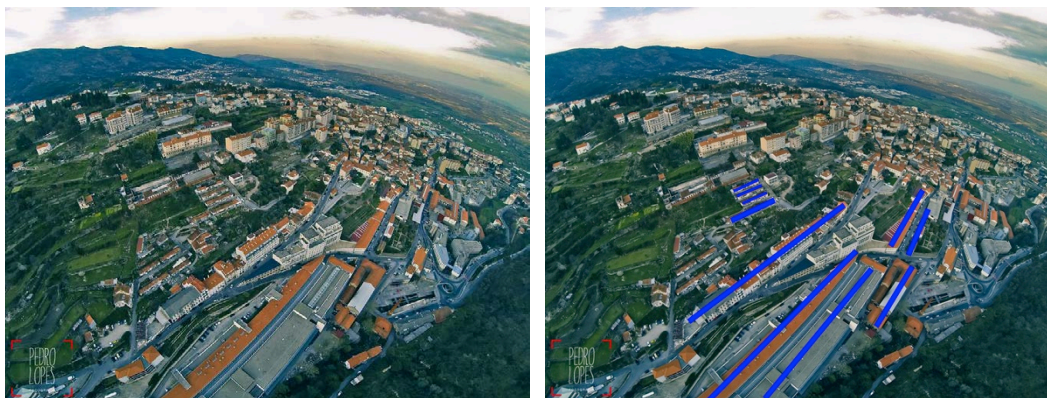


FIG. 51 e 52 | Imagem aérea junto ao Polo das Engenharias, UBI - Horizontalidade.

As unidades industriais destacam-se ao longo das ribeiras e até mesmo da cidade. Acontece que, as pequenas indústrias não se destacam no meio do enredo da cidade. Isto porque se localizam junto do centro e porque são à mesma escala que a envolvente, o que as torna semelhantes às habitações.



FIG. 53, 54, 55, 56 e 57 | Oficinas dentro da cidade.

Ao longo das ribeiras encontram-se instalações longitudinais que se construíam paralelamente ao declive para assim melhor se adaptarem. E a estas associavam-se outras infra-estruturas que permitiam a utilização da água na produção industrial. Mais ainda, as construções que

armazenavam e transportavam as águas como tanques e levadas e as que tratavam os tecidos como as râmolas de sol que ainda podem ser vistas na paisagem agora deteriorada. A água é o elemento mais importante na paisagem, pois é graças a esta que as fábricas se distribuíram pelas margens das ribeiras e é, também, a principal infra-estrutura da cidade, oferecendo a energia-hidráulica, “sendo o elemento dinamizador da sua economia industrial.”¹⁸



FIG. 58 e 59 | Ramôlas - Suporte onde se colocavam os tecidos a secar.

As unidades industriais não se encontram construídas de forma uniforme. Há grandes quebras na paisagem devido à constante diferença de cotas ao longo de toda a cidade.



FIG. 60 | Edifícios Industriais - Ribeira da Carpinteira.

¹⁸ DO ESPÍRITO SANTO, Teresa. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. “Covilhã - Paisagem Industrial”. Universidade de Coimbra. 2010.



FIG. 61 | Edifícios Industriais - Ribeira da Goldra.

2.4 Bairros Operários

O desenvolvimento da indústria dos lanifícios deu emprego a milhares de operários. Para criar condições para as necessidades de alojamento, surgem com o Estado Novo, os chamados bairros operários. Temos como exemplos os bairros primários da cidade, o bairro Económico dos Penedos Altos, o bairro do Rodrigo, o bairro da Biquinha, o bairro da Estação e o bairro da Alegria.

O bairro dos Penedos Altos, como é conhecido, situa-se na colina norte da ribeira da Carpinteira a nordeste da cidade da Covilhã. Com uma leve inclinação do terreno desce até à ribeira. Devido à sua localização é protegido dos frios da serra e tem uma boa exposição sul o que o torna muito soalheiro.

Construído em duas partes onde a primeira teve início nos princípios dos anos 40, em 1941, e a segunda parte foi construída entre 1949 a 1952. Foi implantado no antigo Jardim dos Melos, nome dos seu antigos proprietários e foi destinado à classe operária e empregados da indústria têxtil.

Contem uma igreja, situada numa zona central entre os dois bairros. Como o Bairro dos Penedos Altos foi construído em duas fases, este é o ponto de encontro entre as mesmas. Esta zona dispõe também de uma escola primária que foi construída para as crianças dos operários que ali residiam e alguns espaços comerciais de pequena dimensão.

A sua principal característica é que todas as suas casas são geminadas de duas a duas e todas possuem quintal.



FIG. 62 e 63 | Bairro dos Penedos Altos, antigamente.



FIG. 64, 65, 66, 67, 68 e 69 | Bairro dos Penedos Altos, actualmente.

Nos finais do anos 40 (1948) inicia-se a construção do bairro do Rodrigo, destinado apenas a operários industriais, tal como o bairro dos Penedos Altos, terminado em 1953. E por iniciativa promovida pela Caixa Sindical de Previdência da Indústria de Lanifícios e a Federação Nacional dos Trabalhadores de Lanifícios, contemplando um total de 150 moradias de dois pisos e com duas tipologias diferentes. É caracterizado por moradias geminadas localizando-se na zona baixa da Covilhã junto à estação.



FIG. 70, 71 e 72 | Bairro do Rodrigo, antigamente.



FIG. 73, 74, 75, 76, 77 e 78 | Bairro do Rodrigo, actualmente.

O bairro foi programado para ser desenvolvido em três fases diferentes e, conseqüentemente apresenta três tipologias distintas. Construída a primeira fase em 1955, a arquitectura caracteriza-se pela composição dos edifícios multifamiliares que proporcionam uma vida mais privada do movimento da rua voltando-se para o interior num “anel fechado”¹⁹. De forma a um melhor aproveitamento dos espaço foram construídos três prédios duplos paralelamente ao núcleo da primeira fase; esta é a segunda fase do ano de 1961.

Por último, em 1963 constrói-se a última fase do bairro. Enquanto que os prédios da segunda fase tinham de três a quatro pisos, os desta fase têm de quatro a cinco pisos com “uma área semi-interior de carácter público.”²⁰

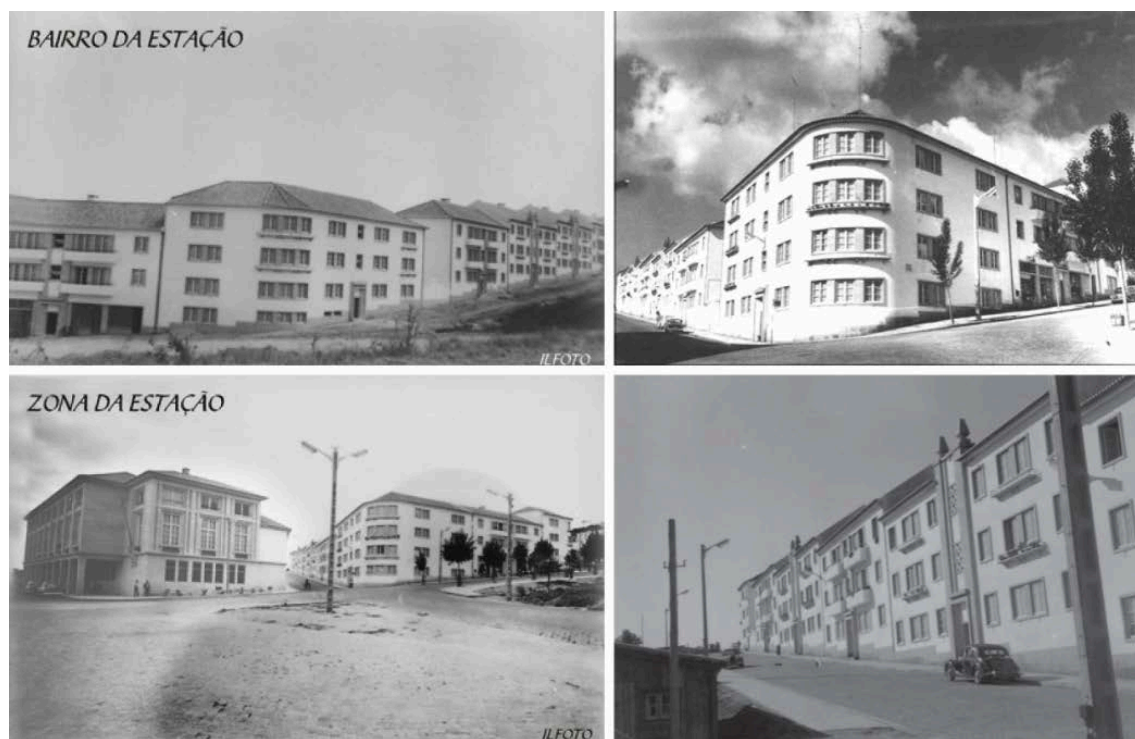


FIG. 79, 80, 81 e 82 | Bairro da Estação, antigamente.

¹⁹ DE BRITO, Joana. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Ciclo de Estudos Integrado. “A Cidade Industrial - Reabilitação e Renovação de Identidade. Caso de Estudos: Tinturaria Pettruci”. Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2012.

²⁰ [19].



FIG. 83, 84, 85, 86 e 87 | Bairro da Estação, actualmente.

O terceiro bairro acima indicado é o bairro da Biquinha. Localizado no extremo poente da cidade é, também, o mais recente destes bairros. O projecto deste bairro teve três fases. Sendo a primeira datada de 1964, projectada com as ideias estandardizadas de habitações unifamiliares geminadas e de dois pisos à semelhança de bairros anteriores. A segunda fase foi construída mais tarde e dedicada a habitações multifamiliares. A última fase, do ano de 2002, destinou-se a realojar famílias carenciadas. Este aglomerado segue um caminho diferente dos bairros anteriores descaracterizando toda a organização e estruturação adoptadas nas fases anteriores.



FIG. 88, 89, 90 e 91 | Bairro da Biquinha.

O bairro da Alegria é, também, um bairro operário e localiza-se perto da ribeira da Goldra mais propriamente na Travessa da Saudade. É composto por conjuntos de quatro edifícios de habitações de piso térreo. São distribuídos por quatro ruas, a Rua da Independência, a Rua da Liberdade, a Rua da Primavera e ainda a Avenida da Liberdade.



FIG. 92, 93, 94, 95 e 96 | Bairro da Alegria.

2.5 Covilhã Hoje

Cidade serrana gelada no Inverno, tórrida no Verão. Actualmente vive especialmente da comunidade jovem da universidade.

Depois dos anos de auge que esta teve com a indústria dos lanifícios, o seu melhor regressa, agora, num sector diferente. A Universidade da Beira Interior trouxe outra vida à cidade. Cerca de seis mil estudantes enchem as ruas e ruelas desta cidade e melhoram a sua economia.

O frio do Inverno chama turistas o calor do Verão afasta os seus inquilinos estudantes. Encontra-se quase desértica nesta estação. Tem um leque de actividades pequeno para esta altura do ano. Não há muito com que entreter e poucos são os sítios, dentro da cidade, onde seja possível refrescar. Encontram-se poços na serra ou espaços para banhar pelas ribeiras das aldeias circundantes à cidade. Mas estes locais não são de acesso directo tornando-se mais difícil aqui chegar. Além do mais, os estudantes deslocam-se para as suas terras nas férias do Verão.

Além dos estudantes, no Inverno os turistas também se deslocam até aqui, mais como uma paragem obrigatória a caminho da Serra da Estrela. A Covilhã é a cidade mais próxima da estância de Inverno onde se localizam as únicas pistas de sky portuguesas. Quando neva na serra atrai muita gente a estas pistas ou a uma simples guerra de bolas de neve.

Todos os anos, no mês de Setembro, a Covilhã enche-se de novo com novas caras e com as suas já conhecidas.

Actualmente a indústria têxtil quase desapareceu da cidades. Poucas são as fabricas que se localizam perto da área central da cidade e que estão activas. Pela cidade se sente-se a sua história industrial devido aos edifícios industriais que pertencem à sua paisagem. Agora deparamo-nos com um cemitério de edifícios industriais. Na realidade a indústria têxtil não desapareceu por completo da cidade, continua em funcionamento mas fora da área central. As indústrias encontram-se nos parques industriais localizadas nas periferias da cidade. Estes novos edifícios são agora construídos maioritariamente em pavilhões mas possuem melhores condições para a actividade operária.

Na Covilhã ainda se encontram empresas importantes a nível europeu na produção de lanifícios. E, ainda, mantém viva uma tradição serrana bastante manifestada pela produção e venda de produtos lácteos provenientes de genérica ovina.



FIG. 97 e 98 | Parkurbis, Parque Industrial do Tortosendo.

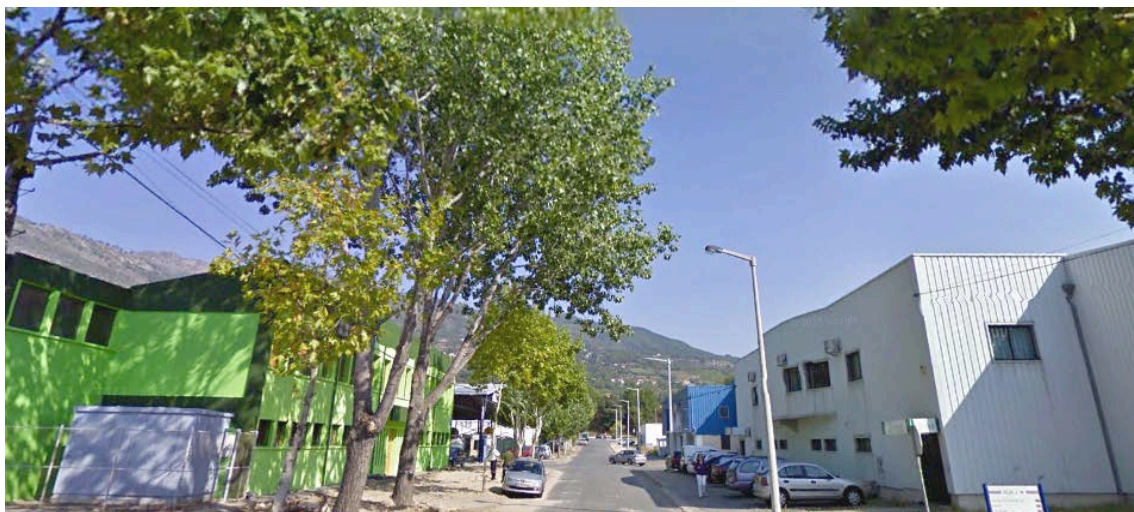


FIG. 99 | Parque Industrial do Canhoso.

CAPÍTULO 3

3.1 Fábrica Velha

Na paisagem circundante às duas ribeiras da Carpinteira e da Goldra, que delimitam a Covilhã-cidade existe um forte domínio de edifícios industriais.

Assim como a ribeira da Goldra, a ribeira da Carpinteira atravessa o actual núcleo urbano da cidade e está na origem do desenvolvimento industrial. As águas destas ribeiras forneciam energia hidráulica permitindo o funcionamento das fábricas. Estas águas eram também ideais para o tratamento das lãs. Esta ribeira situa-se relativamente perto da zona histórica da cidade embora esteja já fora da área do grande centro.

Aqui encontra-se uma das duas primeiras fábricas de renome nacional a conhecida Fábrica Velha. A sua localização exata é na estrada da Fábrica Velha situada na freguesia da Conceição, Covilhã. Esta fábrica servia actividades como a cardação, a ficção, a tecelagem, a tinturaria e a ultimação encontrando-se agora desativada.



FIG. 100 e 101 | Fábrica Velha.

Foi fundada no século XVII, mais precisamente em 1677, à ordem do Conde da Ericeira começando a ser construída em 1678.²¹ Abriu as suas portas três anos depois sendo a primeira fábrica da indústria dos lanifícios do país e a primeira manufactura da Europa.

Por este edifício passaram muitas empresas e por muitos nomes foi conhecido. Nomes como Fábrica Nacional de Sarjas e Baetas, Melo Geraldês & Companhia, Campos Melo & Irmão. Entre todos, o que sempre predominou foi Fábrica Velha, após a construção do edifício que iria alojar a “Real Fábrica dos Panos”. Esta última foi fundada por Marquês de Pombal em 1764.

²¹ PINHEIRO, Elisa Calado. *Rota da Lã Translana - Percursos e Marcas de um Território de Fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca, Tajp, Salor, Almnte (Espanha). Volume I.* Museu dos Lanifícios. Universidade da Beira Interior. 2008.

Administrada por uma sociedade composta por André Nunes, Jorge Fróis Nunes e Luís Romão do Sinel, a Fábrica de Sarjas e Baetas sofreu um motim em 1679 mas, sobreviveu a esse acontecimento. Quase no final de 1680 já contava com dezassete teares e cerca de 415 trabalhadores. Passados dois anos atinge o pico da sua laboração mantendo-se assim até 1690 quando entra em crise. Sarjas e Baetas foi encerrada em 1703, não conseguindo subsistir à crise dos anos anteriores.

Depois de muitos anos encerrada e desativada volta a haver um contrato de aforamento, em 1718, passando a administração para António Fróis Nunes, neto do antigo administrador Jorge Fróis Nunes.

Depois de 1764 as Fábricas Reais eram directamente administradas pela Junta das Fábricas que era um organismo que funcionava de forma dependente da Junta do Comércio. Mais de uma década depois, D. Maria I anuncia que só as fábricas que tivessem meios próprios deviam continuar o seu funcionamento. Só nesta altura começa a vingar no país o Liberalismo económico, a nova orientação político-económica europeia.

Por muitos anos a fábrica mantém-se activa e a dar que falar, continuando a ser uma das fábricas, desta indústria, mais importantes do país. Passando de administrador em administrador é a vez de Simão de Carvalho estar na frente da mesma que, por sua vez, vendeu a António J. Raposo, no início do século XIX. No entanto, os herdeiros deste senhor venderam a fábrica à firma Campos Melo & Irmão e, foi aqui, que passou a ser conhecida por Fábrica Velha. Assim se denomina por nesse local se ter construído a mais antiga fábrica conhecida da Covilhã. Mais uma vez constata-se que, por este edifício, passaram muitas sociedades. Uma delas a sociedade Melo & Geraldês no ano de 1842. Segundo Rui Delgado²², Ernesto Melo e Castro afirma que a fábrica desempenhou desde sempre um papel preponderante na formação de sucessivas gerações de mestres e operários têxteis dando o nome de “fábrica-escola”. Este estabelecimento cardava, fiava, pisoava, afinava ou cortava o pêlo.

Os melhores técnicos da indústria dos lanifícios vinham da Bélgica, França e Itália para ensinarem aos habitantes da cidade. Foi D. Luís de Meneses quem contratou estes técnicos como estambradores, fiandeiros, pisoeiros e tintureiros. “Quase todos passaram pela Fábrica Velha, onde entravam operários e saíam patrões.”²³ Neste tempo, a indústria da Covilhã fabricava as melhores fazendas.

Alguns edifícios que se encontravam nas margens da ribeira da Carpinteira sofreram um grande incêndio que levou à reedificação de algumas instalações e à construção de outras

²² DELGADO, Rui Nunes Proença. *No Centenário da Escola Industrial Campos Melo na Covilhã (1884-1984) Estudos de História. Covilhã. 1984.*

²³ [22].

novas. A reedificação e a construção foram realizadas por acção do comendador Campos Melo e daí surgiu a firma Melo Geraldês & Companhia.

Catorze anos depois, em 1865, a firma é renomeada para Melo & Geraldês e é responsável pela grande revolução na produção ao comprar p primeiro motor hidráulico.

O Edifício



FIG. 102 | Imagem aérea da Fábrika Velha e locais importantes da cidade.

A Fábrika Velha é um grande edifício localizado na margem da ribeira da Carpinteira. É construído em pedra de granito e está disposto ao longo da margem tornando-se parte desta graças à sua horizontalidade. Durante a sua existência foi sofrendo alterações, especialmente na cobertura devido ao incêndio ocorrido em 1851 que tomou grandes proporções e destruiu grande parte da sua estrutura e da maquinaria. A cobertura foi um dos elementos exteriores onde é notável a sua alteração.

Composta por grandes salas com pés direitos altos que confirmam a sua grandiosidade exterior. Estas divisões têm uma estrutura bem presente como as vigas que realçam o tecto, os pilares imponentes que sustentam os vãos das salas imensas.



FIG. 103, 104 e 105 | Espaços interiores da Fábrica Velha.

No seu interior ainda está presente uma parte da sua estrutura da cobertura que, possivelmente, é de origem, em madeira destacando-se das estruturas metálicas mais recentes presentes noutras partes do edifício.



FIG. 106 | Estrutura da cobertura em madeira.

Além da sua monumentalidade há pormenores que tornam maior a sua beleza. As janelas do piso térreo com arcos a rematá-las e cada uma com um envidraçado azul dando-lhe um toque invulgar e poético. Estas grandes janelas iluminam o interior da fábrica deixando entrar grande quantidade de luz natural.



FIG. 107, 108 e 109 | Pormenor azul no piso térreo.

Apesar de se localizar num espaço onde se encontra uma quantidade considerável de edifícios industriais, a sua fachada faz com que este se destaque devido à distribuição regular e ritmada das suas janelas.

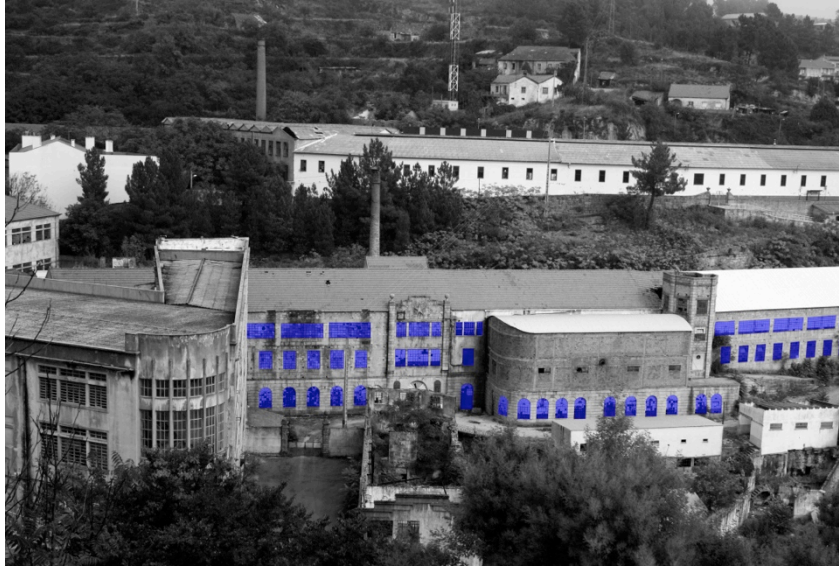


FIG. 110 | Fábrica Velha. Ritmo das janelas.

A sua fachada contem, ainda, uma estrela de cinco pontas em relevo cujo significado é desconhecido. Poderia estar relacionado com os judeus, mas sabe-se que a estrela usada por estes é de seis pontas. Poderia ser também relacionado com uma família de apelido Estrela que estava ligada à indústria dos lanifícios mas encontrou-se, numa fábrica mais a jusante da ribeira da Carpinteira estrelas em ferro de oito pontas, no cimo das chaminés em tijolo. Fica no ar o verdadeiro significa desta estrela de cinco pontas A sua fachada é ainda rematada por um frontão quebrado e marcada pelo torreão sextavado.



FIG. 111, 112, 113, 114, 115 e 116 | Chaminé de Tijolo com estrela e Fábrica Velha. (As três fotografias da esquerda são de uma chaminé em tijolo com estrela de oito pontas em ferro; esta fábrica localiza-se mais a jante da ribeira da Carpinteira. Nas fotografias do meio e da direita temos a Fábrica Velha com o pormenor da estrela de cinco pontas em relevo, do seu frontão quebrado e do torreão sextavado.

3.2 Hotel *Villa Rica Covilhã*

O projecto de recuperação da antiga fábrica por parte da empresa Fibeira de Lisboa é uma prova da importância deste edifício.

Com o nome Hotel *Villa Rica Covilhã* a empresa Fibeira pretendia aproveitar o edifício existente para criar um hotel de quatro estrelas na cidade da Covilhã. Esta empresa adquiriu o edifício e completa o projecto com 75 apartamentos, com tipologias T1, T2 e T3.

Realça-se que este projecto não se limita a requalificar o edifício. Além da recuperação do volume existente, propõem mais um volume acima do que já existe. O segundo volume é recuado e com mais dois ou três pisos consoante o lado do edifício mas mantendo a distribuição ritmada das janelas. Nota-se, também, a alteração dos materiais exteriores, a fachada de pedra do piso térreo e nos restantes pisos seria rebocada e pintada a branco com apontamentos em madeira.

O volume central (frontão) mantém-se assim como o volume à sua esquerda, havendo alterações nos vãos do terceiro piso. Nota-se que seria demolida a chaminé em tijolo pertencente à fábrica.

No caso do lado direito do frontão há um recuo do volume e uma demolição de uma parte acrescentada recentemente, feita em tijolo, dando origem ao terraço.

Foram também projectados novos volumes incorporados no original. O torreão sextavado não sofre qualquer alteração.

Destaca-se que neste projecto os autores tinham a intenção de patentear um *“centro vivo do que foi a grande manufactura de 1680.”*²⁴

Com todos estes volumes acrescentados, o edifício perderia a sua linguagem e a fachada o seu destaque. O edifício existente perder-se-ia deixando de se fazer uma leitura industrial, ou seja, acabaria por esconder a sua história. Numa cidade com a dimensão da Covilhã creio que já existe oferta hoteleira em grande quantidade, mencionando os hotéis e pensões que existem a Covilhã-cidade. O problema de falta de eventos culturais que ofereçam à cidade atractividade e dinamismo continua presente mesmo construindo mais uma unidade hoteleira na cidade. E é este o problema que se pretende resolver com a proposta de um espaço cultural.

²⁴ www.fibeira.pt

Um hotel é um espaço de passagem ou estadia temporária, possivelmente não criaria o impacto pretendido para a cidade e que o próprio edifício merece. Talvez não seria este o destaque adequado à cidade, ao local e ao edifício.

Assume-se que um projecto deste tipo implique custos muito mais elevados do que fazer uma requalificação do espaço interior como se apresenta na proposta. Mesmo implicando pequenas demolições de volumes desnecessários e que não valorizam a arquitectura do edifício como, por exemplo, a demolição do volume em tijolo na fachada frontal da Fábrica Velha. Esta demolição é comum tanto no projecto do Hotel *Villa Rica Covilhã* como na proposta do espaço cultural feita nesta dissertação.



FIG. 117 e 118 | Projecto Hotel *Villa Rica Covilhã*. Render.

CAPÍTULO 4

4.1 Os casos de estudo

Foram escolhidos edifícios marcantes e que possuíssem semelhanças entre eles. Todos os edifícios reabilitados e que integram agora actividades de cariz cultural e que, de alguma forma, pudessem justificar a escolha da proposta desta dissertação.

São três os países escolhidos, todos situados no continente europeu, geograficamente ligados e onde existem inúmeros casos de reabilitação industrial. Portugal, Espanha e França foram os nomeados dando-nos exemplos das suas cidades capitais.



FIG. 119 | Locais dos casos de estudo escolhidos.

França com o *Palais de Tokyo* na cidade capital, Paris; Espanha com o espaço cultural do *El Matadero Madrid*, como o próprio nome indica a capital espanhola; e Portugal que, além de indicar a *Lx Factory* em Lisboa, referencia também a antiga Alfândega do Porto. Visto que Portugal é o país alvo deram-se a conhecer mais exemplos de sucesso da reabilitação industrial.

Metade dos exemplos escolhidos tinha como sua antiga actividade a indústria dos lanifícios, ponto em comum com o edifício em estudo da Fábrica Velha, na cidade da Covilhã. Estes edifícios são o *Palais de Tokyo* e a *Lx Factory*.

Apesar de alguns poderem diferenciar-se na sua actividade passada, a sua ocupação presente aproxima-os “intelectualmente” pois todos suportam actividades culturais.

Uns com mais polivalência e albergando um maior leque de actividades diferentes que outros, mas acabam todos por terem a promoção da cultura em comum.

Desde a moda, o desenho, as colecções de arte, cinema ou teatro, música, comunicações, publicidade e multimédia, espaço de leituras e congressos dinamizam, em conjunto, estes quatro edifícios europeus.

Todos eles com uma reabilitação de sucesso que mantém activas as cidades proporcionando espaços de encontro das suas gentes com a arte e a cultura.

4.2 *El Matadero Madrid*



FIG. 120 | *El Matadero Madrid*.

A grande inspiração para a requalificação do edifício da Fábrica Velha foi o complexo *El Matadero Madrid*.

Numa experiência da minha vida académica em que vivi na cidade de Madrid, visitar este lugar tornou-se inspirador. Ver um sítio que foi ressuscitado e que ganhou tanta vida com isto dá vontade de poder fazer algo semelhante na minha cidade.

A troca de cultura e arte, o dinamismo, os espaços aqui criados, tudo nos proporciona vivências difíceis de encontrar na Covilhã. Dinamismo é algo que a cidade da Covilhã precisa. De novas vivências e novas sensações e, sobretudo, de espaços que as proporcionem.



FIG. 121 | *El Matadero Madrid.*

O *Matadero Madrid* era um conjunto de 48 edifícios que antigamente se dedicava à venda e matança de gado para consumo público. São edifícios típicos da arquitectura industrial espanhola da transição do século XIX para o século XX, em que uma das maiores características é a utilização do tijolo maciço no revestimento das suas fachadas.

Demorou 15 anos desde o início da sua construção, em 1910, até estar concluído. Permaneceu em funcionamento até 1996 estando encerrado por quase 11 anos. Em 2003 ficou decidido transformar o aglomerado num espaço cultural.



FIG. 122, 123, 124 e 125 | *El Matadero Madrid - Exterior.*

Agora, a arte e a cultura ocupam este espaço dividido em naves onde cada uma tem a sua actividade desde um filme na *Cineteca*, as exposições na *Factoría Cultural* num espaço flexível e multidisciplinar, a um café com direito a assistir a um teatro (espaço com uma pequena plateia e palco), a um bom livro na *Casa del Lector*. Pode-se disfrutar de sons musicais na *Nave de Música* que tem um pequeno palco para concertos e estúdios de gravação. *Naves del Español* é um local onde se partilha e investiga a cultura cénica. Espaço de reflexão e intervenção da criação contemporânea encontra-se na *Intermediae*. Se se procura qualquer tipo de projectos relacionados com o desenho gráfico, de interiores ou industrial encontram-se na *Central del Diseño*, nave exclusiva para esta vertente. Por fim, falta visitar a *Extensión AVAM* que se destina à participação, debate e visibilidade das produções dos artistas.

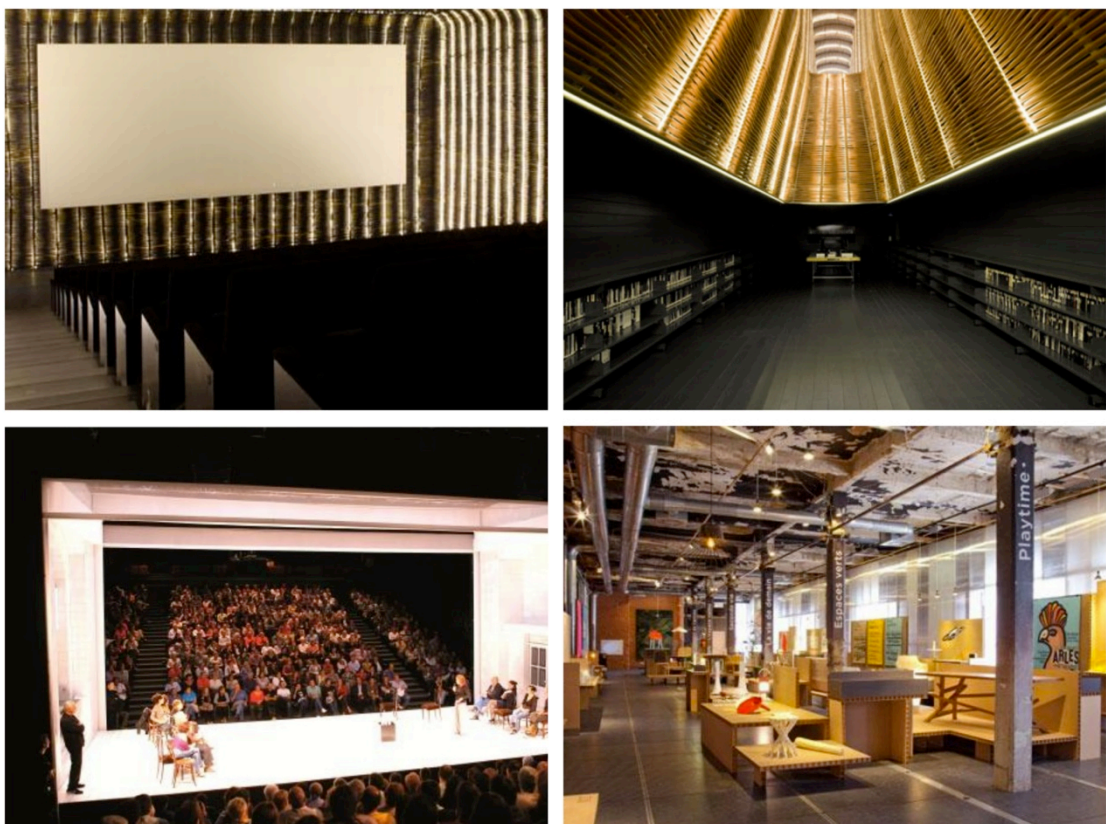


FIG. 126, 127, 128 e 129 | El Matadero Madrid - Espaços interiores.

Todos estes tipos de cultura se encontra num único espaço que de “morto” ressuscitou e passou a ser algo com tremenda atractividade.

Absorve-se toda a energia deste espaço. Recrear estas emoções num espaço da cidade da Covilhã traria dinamismo e movimento para a cidade, algo que um dia já teve em abundância, não a nível cultural mas que a indústria têxtil já ofereceu à cidade.

Apesar do edifício da Fábrica Velha ser um pequeno conjunto de volumes num só e nisto se distanciar do Matadero Madrid, não significa que não possa ser aproveitado para receber um espaço cultural. Não à escala do espaço espanhol, mas numa escala relativamente mais pequena, adaptando-se à escala da cidade da Covilhã.

Dentro deste conjunto destaca-se a Nave 15, projecto de Langarita Navarro Arquitectos. Na nave 15 do Matadero Madrid encontram-se vestígios da *Red Bull Music Academy* (RBMA) 2011. Música é uma das actividades propostas para reavivar a Fábrica Velha e da RBMA foram tiradas algumas referências.

Langarita-Navarro Arquitectos pensaram o conceito da boneca *Matrioska* para a RBMA e este mesmo conceito pôde-se adaptar ao edifício em estudo. Em que um elemento se dá dentro do outro tanto no sentido físico como no sentido temporal.

Aplica-se este conceito também aos estúdios de gravação propostos para o edifício da fábrica em estudo. Projectaram-se pequenas caixas que albergam, cada uma, um estúdio de gravação de música. A intenção de as colocar dentro do edifício, a uma escala menor que o existente de maneira a que este último persista quase intacto, contando-nos a sua história e sentindo-se a vida industrial que aí existiu.

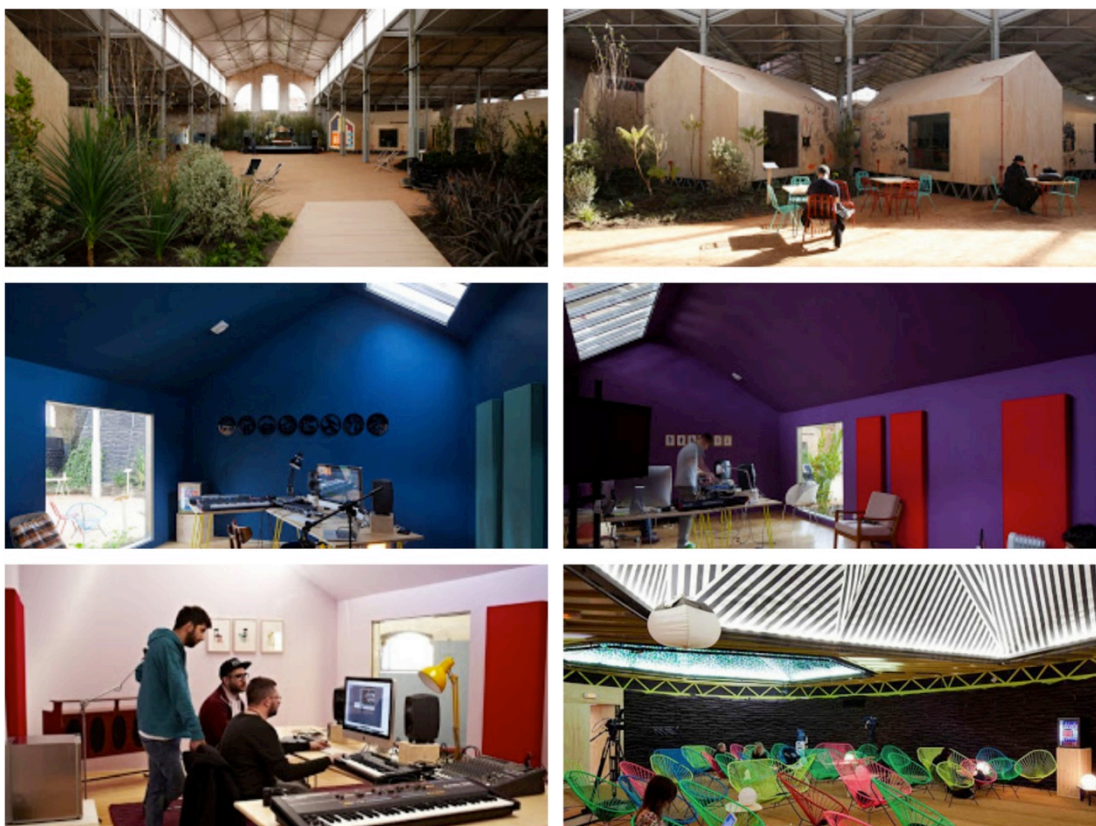


FIG. 130, 131, 132, 133, 134 e 135 | El Matadero Madrid - RBMA.

4.3 Lx Factory, Lisboa



FIG. 136 | Lx Factory..

A Lx Factory é um antigo espaço industrial do arquitecto João Pires da Fonte onde funcionava a Companhia de Fiaccção e Tecidos Lisbonense datada de 1846. Tornou-se num dos mais importantes complexos fabris de Lisboa.

Durante os anos em que esteve encerrada, uma pequena fracção da cidade de Lisboa permaneceu escondida e esquecida no tempo.

Este edifício foi devolvido à cidade com a Lx Factory que aqui se instalou. Embora ainda se *"mantenha o ambiente fabril, frio e decadente"*²⁵ quem ocupa este espaço são pessoas criativas assim como empresas originais que lhe devolveram vida. Este espaço está aberto 24 horas por dia e trabalham aqui mais de mil pessoas além do grande número de visitantes que recebe diariamente.

Localiza-se em Alcântara, por baixo da Ponte 25 de Abril. Foi transformado numa *"ilha criativa"*²⁶ é agora ocupado por empresas e profissionais da indústria criativa e recebe actividades em áreas como moda, multimédia, publicidade, arte, música, arquitectura, entre outras.

²⁵ <http://visao.sapo.pt/lx-factory-a-fabrica-mais-cool-de-portugal=f728909>

²⁶ www.lxfactory.com

A Lx Factory tem em comum com a Fábrica Velha a sua antiga actividade, ambas se dedicavam à indústria têxtil. E, assim como a Lx Factory faz a recriação de um espaço industrial enchendo-o de criatividade e novas emoções. Pretende-se criar o mesmo efeito no edifício da Fábrica Velha dando-lhe dinamismo e atraindo “inúmeros visitantes a redescobrir”²⁷ o espaço esquecido da fábrica como aconteceu em Alcântara com a Lx Factory.

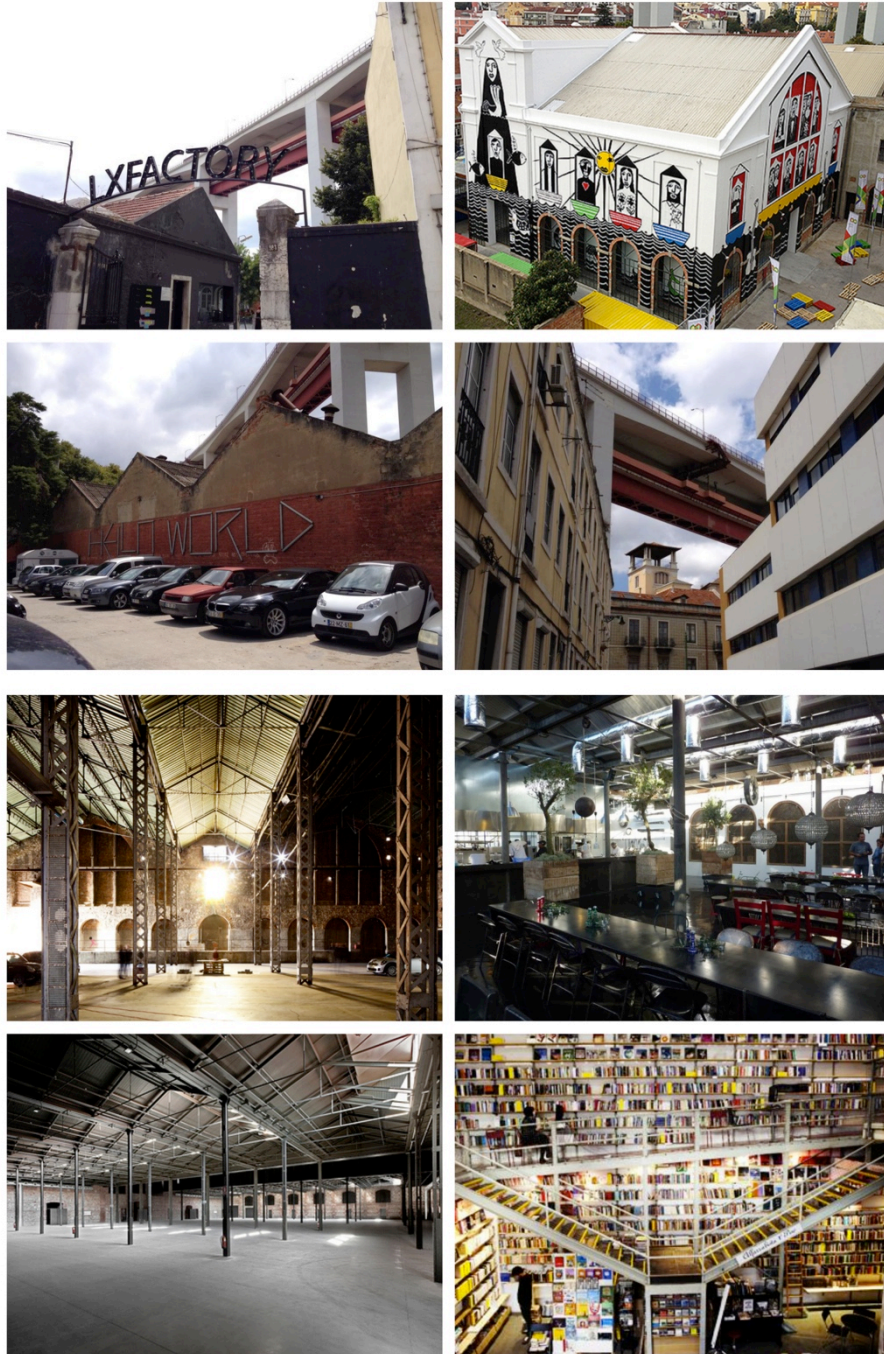


FIG. 1387, 138, 139 e 140 | Lx Factory - Espaços exteriores.
FIG. 141, 142, 143 e 144 | Lx Factory - Espaços interiores.

²⁷ <http://visao.sapo.pt/lx-factory-a-fabrica-mais-cool-de-portugal=f728909>

4.4 Palais de Tokyo, Paris



FIG. 146 | Palais de Tokyo.

O *Palais de Tokyo* ocupa o espaço da antiga manufactura de tapetes da *Savonnerie*, situado em Paris, França, numa das margens do rio Sena. Na primeira metade do século XX este lugar pertencia à Manutenção Militar sendo, agora, um Museu de Arte Moderna e Contemporânea. O projecto do edifício foi a concurso de arquitectura no qual saíram os vencedores Jean-Claude Dondel, André Aubert, Paul Viard e Marcel Dastugue.

Este edifício foi pioneiro na reconciliação da Cidade da Luz e da arte contemporânea e com os seus anos de sucesso tornou-se num dos maiores espaços dedicados à arte contemporânea na Europa, a partir de 2012. Criou-se, assim, um ponto de encontro entre a arte e as gentes da cidade de Paris.

O *Palais de Tokyo* é um edifício de estilo sóbrio e monumental, composto por duas alas simétricas separadas por uma fonte e escadarias. Apenas a ala Este está ocupada. Várias foram as ocupações da ala Oeste que ao longo do tempo foi ocupada por diversas instituições expondo aqui as suas exposições estando esta desocupada desde 1995. Possui tectos vidrados que permitem a entrada de luz na maior parte das salas.

O exterior do edifício é bastante decorado com estátuas, portas em bronze esculpidas, ninfas e espelhos de água.

Embora que o Palais de Tokyo seja um edifício numa escala muito maior que a Fábrica Velha e os seus exteriores não se assemelhem a ideia de os requalificar é a idêntica. Mais uma vez a reabilitação de um edifício, que pertence à história de um lugar, é importante não só para o edifício, como para o local e, acima de tudo, para as suas gentes.

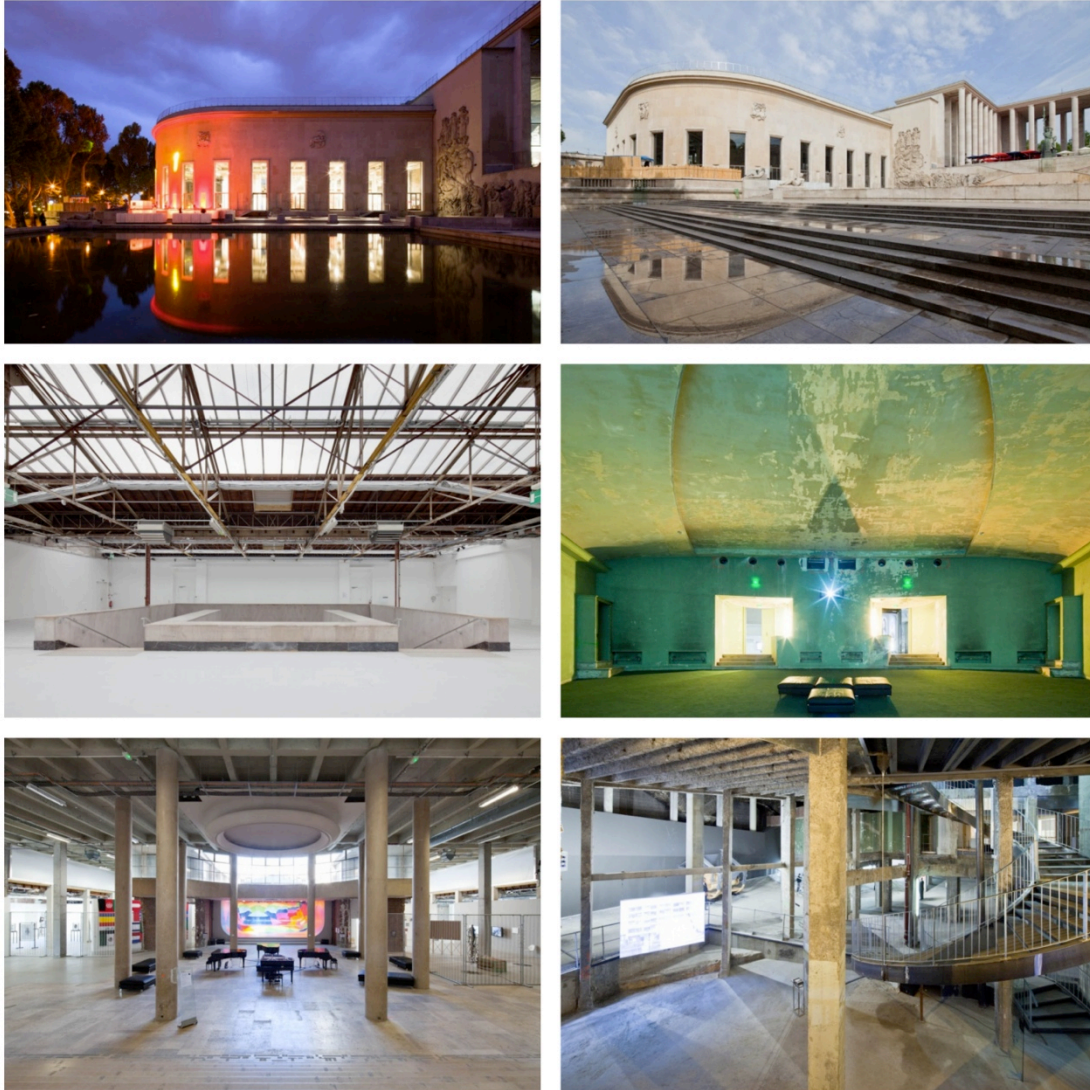


FIG.. 147, 148, 149, 150, 151 e 152 | Palais de Tokyo - Exterior e Interior.

4.5 Antiga Alfândega do Porto



FIG. 153 | Centro de Congressos Alfândega do Porto.

O edifício da antiga alfândega do Porto tem construção na segunda metade do século XIX, sendo terminado em 1869. Com características diferentes relativamente aos edifícios do século XV que se situam na zona ribeirinha do Porto, é composto por um elemento central e dois corpos laterais simétricos. Destaca-se o ferro como o material mais presente sendo combinado com pedra, tijolo e madeira.

Nos anos 80 surgiu a deslocação do centro urbano para os subúrbios de muitas empresas e serviços o que provocou o esvaziamento do edifício das suas funções. Com as características e dimensões ideais para um destino cultural, em 1991, a Associação para o Museu de Transportes e Comunicações toma posse do edifício e em conjunto com o arquitecto Eduardo Souto de Moura supervisionam *“grandes obras de recuperação.”*²⁸

O edifício passou a centro de congressos onde ocorrem eventos de fins culturais. Agora é composto por 22 salas multifuncionais e por espaços culturais e museológicos.

Como um grande exemplo em Portugal na requalificação de antigos edifícios, o Centro de Congressos da Alfândega do Porto assemelha-se à proposta da Fábrica Velha devido ao aproveitamento dos espaços. Ocupando as salas vazias destes edifícios com actividades lúdicas e culturais. Assim como a Alfândega tem salas que se adaptam a vários tipos de eventos adequa-se esta ideia ao edifício da Fábrica Velha criando-se um espaço polivalente.

²⁸ www.ccalfandegaporto.com



FIG. 154, 155, 156 e 157 | Centro de Congressos Alfândega do Porto - Exterior.

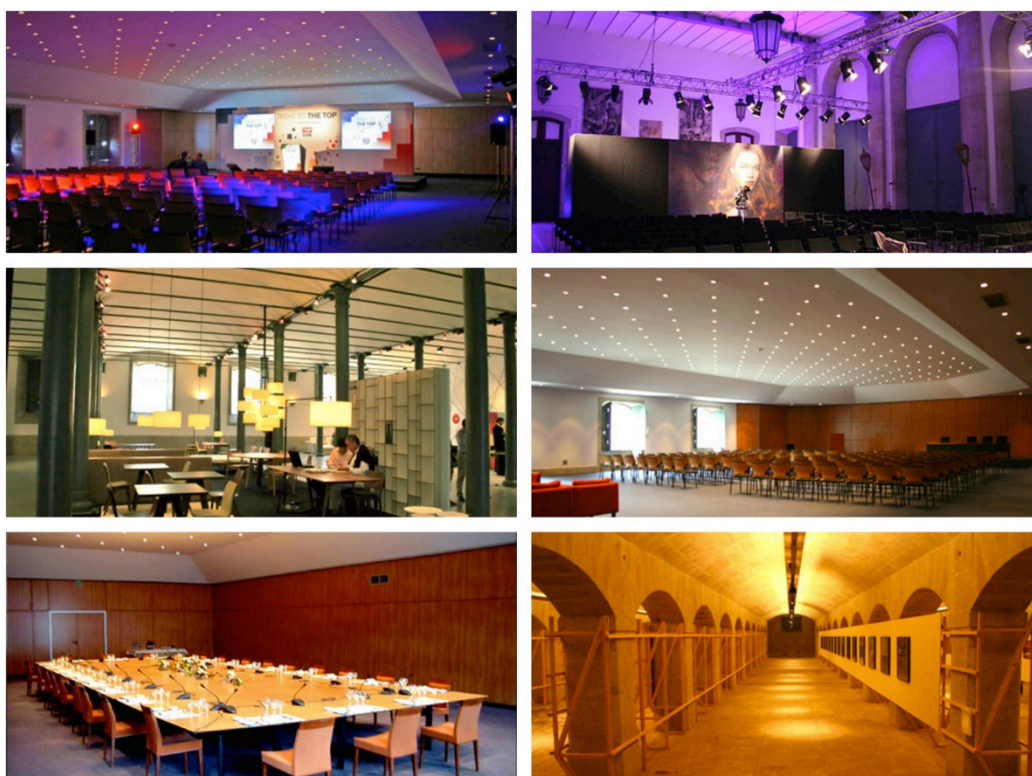


FIG. 158, 159, 160, 161, 162 e 163 | Centro de Congressos Alfândega do Porto - Espaços Interiores.

CAPÍTULO 5

5.1 Proposta

Com os conceitos estudados anteriormente tenciona-se aplicá-los numa proposta de requalificação para o edifício da Fábrica Velha que, ao longo do tempo veio a sofrer alterações na sua arquitectura. Como, por exemplo, na cobertura devido ao incêndio de 1851, assim como algumas ampliações que são notáveis olhando para o edifício.

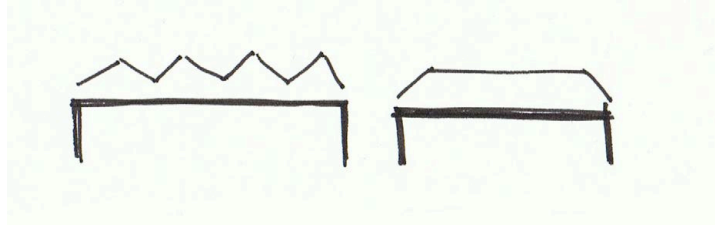


FIG. 164 | Cobertura antes e depois do incêndio de 1851, respectivamente.

Estudou-se a história do edifício de maneira a saber a importância que o mesmo teve para a cidade e perceber que função se poderia dar a um edifício desta grandiosidade.

O edifício apresenta-se com fortes características que, mais tarde, se mantêm na proposta para o mesmo. Deparou-se com um edifício composto por grandes salas e com uma estrutura marcante viáveis ao tipo de actividades que aqui se gostaria de implementar. Propor um edifício com actividades culturais que alberguem um bom número de visitantes requer ter salas que se adequam ao mesmo. Além das grandes salas existem outras divisões que teriam de ser modificadas para o pretendido.

Explicando de um modo geral a volumetria do edifício pode-se “dividir” o edifício em três volumes. Dois volumes marcados pela horizontalidade e um volume central onde se fazem os acessos verticais e a distribuição para os outros dois volumes, colocados à direita e à esquerda deste volume central.

Destaca-se a sua paisagem evolvente. Em que se realça a ribeira da Carpinteira que passa mesmo junto a este edifício e valoriza a paisagem deste local.

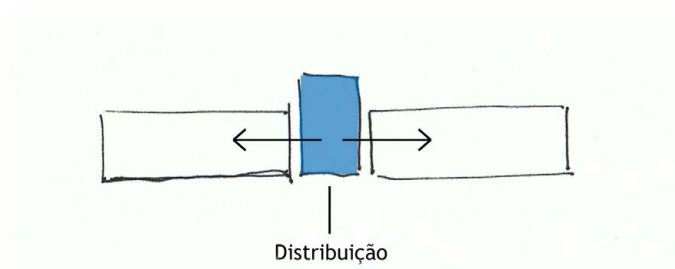


FIG. 165 | Esquema de volume central do edifício da Fábrica Velha.

No piso térreo encontram-se duas grandes salas que funcionam independentemente, pois cada uma tem a sua entrada própria e pertencem a volumes diferentes com as suas plantas sempre marcadas com um ritmo regular de janelas. Neste piso destacam-se as janelas rematadas com arcos e o pormenor de cada uma ter um vidro de cor azul. Em frente à entrada principal, existem umas escadas que apenas têm acesso ao segundo piso existindo, também, outra escadaria numa ponta do edifício que faz a ligação dos três pisos pertencentes ao mesmo. Junto à segunda escadaria referida encontram-se pequenos escritórios, aparentemente, construídos mais tarde e que se adaptaram a este canto do edifício. Este canto com os supostos escritórios encontram-se numa saliência do grande volume principal. Esta escada foi adaptada para escada de emergência, visto não existir em qualquer parte do edifício.

Para este piso não foram pensadas grandes alterações. Foi feita uma limpeza interior, em que se pretende retirar paredes, ampliando ao máximo os espaços. No foyer da recepção manter-se-ia a escada existente, abrindo o pé direito para pé direito duplo, dando assim um maior impacto à entrada do edifício. Actualmente, na entrada estão localizadas duas salas pequenas às quais se propõe retirar as paredes, abrindo este espaço. Localiza-se aqui a recepção e os elevadores para acesso vertical a pessoas de mobilidade condicionada. Aproveitar-se-ia a sala à esquerda do acesso para exposições de arte, com um sistema de exposição fixo ao tecto. Tem-se em contacto que se pretende manter o tecto tal como se encontra, com as vigas e vigotas visíveis por toda a sala.

Na outra segunda grande sala, a direita do acesso principal, com uma entrada independente, encontra-se ao fundo uma pequena instalação sanitária e uma sala. Retirar-se-iam as duas últimas salas criando uma instalação sanitária maior e adaptada a pessoas de mobilidade condicionada e projectando uma cozinha de apoio ao café pensado para este espaço. Insere-se neste volume, de um só piso fechado, a música criando um espaço com um palco de maneira a que possam acontecer eventos de música num ambiente mais descontraído como o de um bar. Ficaria assim um café concerto.

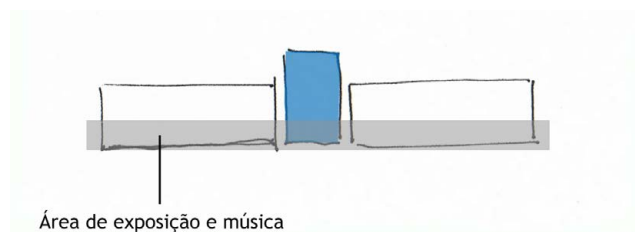


FIG. 166 | Esquema do piso térreo e suas funções.

No segundo piso continua-se a encontrar a distribuição ritmada das janelas. Para este piso existe uma entrada do exterior localizada na parte de trás do edifício. Esta entrada estaria ligada ao estacionamento. Para se chegar a esta entrada teria de se caminhar por uma rampa guiada por um espelho de água em queda e delimitada por uma parede ajardinada, dando uma importância a esta entrada para não ser apenas uma entrada secundária. A ideia de existir um espelho de água nesta entrada “escondida” vem do “espelho de água” da ribeira da Carpinteira criado pela natureza e que se encontra na frente do edifício. Sendo assim, marcam-se as duas entradas com a existência destes pontos de água.

Encontram-se, mais uma vez, duas grandes salas. Uma por cima da sala pensada para exposições e outra atrás desta onde ainda estão aberturas na laje onde estariam as maquinarias dos tecidos e com pilares bem notáveis no meio da sala. Neste piso existem ampliações feitas mais recentemente.

Mais uma vez propõe-se a limpeza quase total desta parte do edifício. Retirando todas as paredes de maneira a ser possível fazer uma nova distribuição. Em todo o edifício é usada a estrutura de origem. De acordo com esta, faz-se a distribuição de salas onde se integram instalações sanitárias, livraria/papelaria, administração e uma sala polivalente adaptada a cinema e teatro, com uma bancada removível, e com área técnica e camarins. Esta distribuição encontra-se do lado esquerdo do volume central. Do outro lado existe uma pequena distribuição de salas que se pensou retirar criando um espaço de circulação e uma biblioteca com vista para a ribeira da Carpinteira e para um terraço servido por um pequeno bar localizado no torreão. Este terraço apresentar-se-ia na cobertura do café concerto. No prolongamento do volume da biblioteca estão presentes algumas paredes e locais da maquinaria e, aqui, pensou-se criar espaços de leitura, interligados com a biblioteca, mas com que proporcionassem um pouco mais de privacidade. Pensa-se também em instalações sanitárias de apoio a este lado do edifício. Relembra-se que neste volume continuam a estar presentes as características mais marcantes das janelas.

Para criar o terraço ter-se-ia de demolir a ampliação feita na cobertura do café concerto. Esta ampliação contém dois pisos e além de uma cobertura feita em chapa as suas paredes são em tijolo, cortando a harmonia da fachada de todo o edifício.

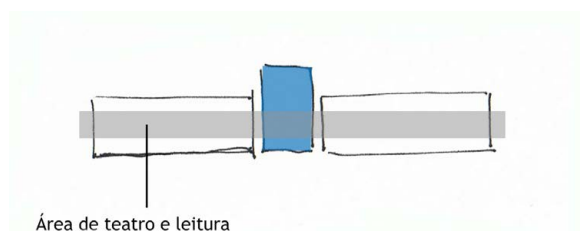


FIG. 167 | Esquema do piso 1 e suas funções.

Por último, no terceiro piso a planta volta a sofrer alterações. Relativamente ao existente, continuam a ser apresentadas grandes salas. A estrutura continua a ser notável mas, para a proposta, torna-se necessário demolir algumas paredes de maneira a ajudar na distribuição para os espaços projectados. Desta maneira consegue-se dar uma maior amplitude ao edifício dando a sensação de este não ter fim, de prolongá-lo o máximo que se conseguiria. Mantem-se o volume central mas o acesso vertical feito do segundo piso para o terceiro já não é feito escadaria principal. Ter-se-ia, então, a escada de emergência que funcionaria também como escada de circulação e uma outra escada, que aparece no segundo piso, ainda no volume central, mas numa localização diferente da principal. Este piso sofre alterações na sua volumetria. No volume esquerdo existe uma sala com dois níveis e com cobertura abobadada de estrutura metálica. Nota-se que esta cobertura não seria da mesma época que a estrutura em madeira encontrada noutras salas. Visto que, esta cobertura e a forma como a sala se encontrava com desníveis pretende-se demoli-la assim como às paredes exteriores. Assim, criar-se-ia um espaço de lazer exterior, escondido entre a Fábrica Velha e o terreno, na parte traseira do edifício.

Fazendo uma ligação de interior/exterior deste espaço de lazer, na sala interior localizada ao seu lado e voltada para a ribeira, projectaram-se pequenos estúdios de gravação. Adaptando a ideia da boneca *Matrioska*, estudada num dos casos de estudo do capítulo 4, criar-se-iam caixas dentro de uma grande caixa (a sala). Tendo estes estúdios distribuídos de forma quase aleatória nesta sala criam-se espaços de circulação e de estar para os visitantes. Tem-se em conta que se pretende implementar esta ideia de maneira a fazer destacar a estrutura da cobertura, agora metálica, mas que se pensou substituir para madeira, de maneira a manter-se o mais semelhante possível ao edifício inicial.

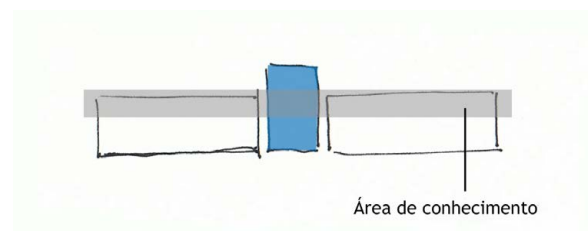


FIG. 168 | Esquema do piso 2 e suas funções.

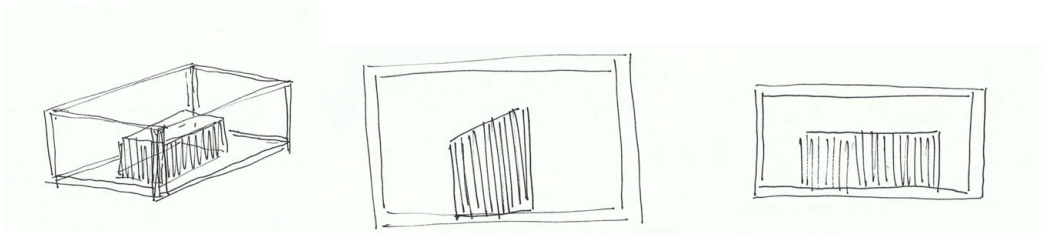


FIG. 169, 170 e 171 | Caixas dentro de uma grande caixa.

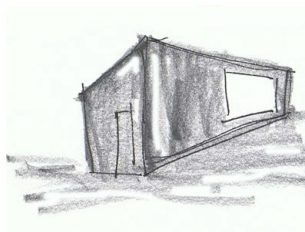
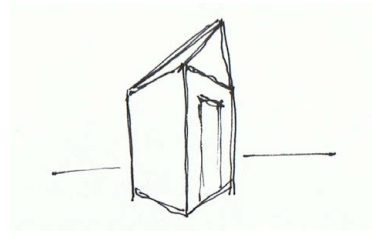
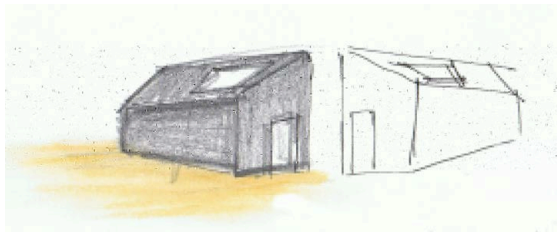


FIG. 172, 173, 174, 175 e 176 | Estúdios de gravação.

O volume direito apresenta-se com quatro salas. Demolir-se-iam paredes de forma a criar seis salas. Três *ateliers* de arte voltados para o terreno na parte de trás e três salas de dança. Uma das salas de dança localizar-se-ia no fim do volume, as outras duas adaptar-se-ia, de novo, a ideia de caixas dentro de caixas, sempre com a intenção de salientar a estrutura de madeira da cobertura; havendo sempre espaços de circulação no seu entorno.

O programa resume-se a salas destinadas a receber exposições, eventos de música, teatro, cinema e moda, a espaços de leitura e conhecimento e a zonas de aprendizagem de arte, dança e música.

Tabela 1 | Resumo do Programa

ZONA	SALA	Nº	ÁREA m2
ARTE	Exposições	1	346,9
	<i>Ateliers</i>	3	51,5
			51,5
			84,2
MÚSICA	Café Concerto	1	228
	Música	1	635,3
	Estúdios de Gravação	5	12,7
			12,7
			12,7
			12,7
			12,7
LEITURA	Biblioteca	1	214,3
	Gabinete Leitura	4	27,4
			27,4
			27,4
			42,2
TEATRO/CINEMA	Polivalente	1	363,9
ADMINISTRATIVA	Gabinete	1	30,2
	Administração	1	56,5
	Livraria	1	71,9

Materiais

Faz-se uma ligação interior dos espaços pensados para a Fábrica Velha através das interligações da função de cada uma e dos materiais e cores propostos.

Para as salas destinadas a arte atribui-se a cor branca. Na sala de exposições propõe-se piso em madeira. Esta sala teria uma parede em painéis de madeira que escondem as instalações da sala. No revestimento da parede das janelas ficaria à vista a pedra de granito. Os *ateliers* de arte seriam separados com paredes de tijolo de vidro e o pavimento em resina sintética branco cru. Nestes *ateliers* é visível a estrutura de madeira da cobertura e quanto à sala de exposições a cobertura seria de reboco pintado de branco.

No café concerto haveria um pavimento em grés porcelânico preto (material indicado para locais com grande trânsito pedonal). As paredes pensadas para ter revestimento de reboco pintado de cor branca.

No *foyer* da entrada principal grés porcelânico num branco sujo assim como no corredor de circulação do piso da biblioteca e dos gabinetes de leitura. Enquanto que a biblioteca e os gabinetes teriam madeira cor de carvalho. Na sala de cinema/teatro inseria-se de novo pavimento de madeira mas agora num tom muito escuro. O revestimento das paredes seria em cores escuras de maneira a se conseguir-se uma sala com pouco luz natural. Teria painéis removíveis para fechar as janelas e painéis acústicos na cobertura. A sala da livraria e da administração teriam a divisória para o corredor, em vidro e a parede interior seria revestida a cimento com a cor natural do mesmo para lhe dar um ar de velho e rústico, contrastando estes espaços com os espaços de arte. Os perfis que sustentam os vidros seriam em ferro já com ar enferrujado. O pavimento do corredor de circulação deste piso teria também esta ideia através de cimento queimado.

Em todas as instalações sanitárias seria utilizada resina sintética no pavimento e azulejos coloridos no revestimento de paredes para dar um pouco de divertimento a uma divisão a que não se costuma dar importância.

No terceiro piso usar-se-ia madeira na parte da música até parte do terraço exterior, fazendo um prolongamento da sala interior para o exterior e interligando-as. As caixas dos estúdios de gravação de música seriam todas em madeira tendo materiais absorventes acústicos no interior. Nas salas de dança optar-se-ia por pavimentos de madeira, por serem indicados para a actividade. Na sala do canto revestir-se-ia uma parede com um grande espelho e as restantes com reboco pintado a cor creme. A caixa de vidro com as outras duas salas de música seria delimitada em vidro e tijolos de vidro também. Pretende-se criar um espaço fechado mas que tem total visão para o exterior. São usados perfis de ferro para a sustentação dos vidros. Mais uma vez refere-se que a estrutura de madeira da cobertura estaria sempre visível e teria de levar tratamento e acabamento final em verniz. O

revestimento do pavimento do espaço de circulação em torno das salas de dança seria o idêntico ao do *foyer* do piso térreo.

CAPÍTULO 6

6.1 Conclusão

O estudo da história da cidade e, conseqüentemente, da sua indústria serviu como ponto de partida desta dissertação de forma a se reflectir sobre possíveis problemas e necessidades da Covilhã.

Tendo-se a população deslocado maioritariamente para o vale da Cova da Beira tornou-se a zona histórica menos dinâmica e menos povoada. Criando, assim, um problema para a cidade onde é possível que, com este deslocamento das gentes, o seu centro histórico perca atractividade e fique esquecido.

Conhecer toda a história da Fábrica Velha foi relevante, assim como é notório que desde sempre teve muita importância e que foi um edifício cheio de vida. Um edifício como este, que foi tão importante na história da cidade e no seu desenvolvimento e que se torna tão grandioso na sua paisagem, merece que os seus dias voltem ao seu brilho anterior.

Reabilitá-lo e dar-lhe nova função seria uma solução para que o mesmo não se deteriore e desapareça ao longo do tempo, ficando esquecido na história. A ideia é arrastar, de novo, as gentes da cidade e os seus visitantes ao centro da cidade e a este espaço industrial onde, outrora, centenas de trabalhadores pisavam o seu chão.

Torná-lo num edifício público foi uma decisão rápida e que não trouxe dúvidas. Um edifício que receba múltiplas actividades chama pessoas com gostos dos mais variados, torna-se atractivo e dinâmico. Daí a escolha de se criar um espaço cultural, juntando o máximo número das sete grandes artes do mundo num só espaço.

Foi escolhido este edifício devido às características da sua envolvente. A zona da ribeira da Carpinteira tem um vasto núcleo de edifícios industriais que criam um especial interesse nesta área. A maioria destes edifícios encontra-se ao abandono formando um “cemitério industrial”, com um grau de deterioração muito avançado. Deparando com esta situação, surge o interesse de requalificar esta zona devolvendo-lhe actividade e dinamismo, tornando-se de alguma forma chamativo.

A requalificação de espaços como a Fábrica Velha poderá contribuir para uma regeneração urbana e cultural. Pensar em espaços de criação e acolhimento artístico de modo a conferir uma nova utilização a estes edifícios, criaria um desenvolvimento turístico que a própria cidade da Covilhã necessita. Fazendo com que um dos edifícios responsáveis para o seu desenvolvimento continue a ter um papel importante para a cidade.

Estes edifícios tornam-se interessantes também devido à sua história. São edifícios testemunhos de um tempo que vai passando e com a sua arquitectura contam a história da vida de uma determinada época ganhando, então, valor patrimonial. A sua arquitectura

torna-se especialmente favorável para a proposta pretendida, pois oferece espaços amplos que são os ideais para acolher as actividades pretendidas.

Há outro factor para a requalificação deste espaço. A cidade da Covilhã encontra-se quase inactiva no que respeita a actividades culturais. Possui um teatro municipal com uma grande sala de espectáculos mas a programação é escassa. É um edifício que normalmente se encontra encerrado sendo uma grande perda para a cidade, visto que se localiza mesmo no centro da mesma, mais concretamente no Pelourinho, praça do Município.

Criar um espaço que acolha actividades culturais é importante para o dinamismo da cidade. Trazer de novo as gentes do vale, parte nova da cidade, para a parte histórica. Voltar a encher as ruas de vida e não deixar que a área antiga cidade morra lentamente é essencial.

Requalifica-se, então, o edifício, não querendo apagar a sua história nem os vestígios do ambiente industrial tornando-se, assim, numa fábrica de experiências onde cada um se possa exprimir a seu gosto.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

ASSUNÇÃO, António Rodrigues. *O Movimento Operário da Covilhã. Volume I (1890-1907)*.

ASSUNÇÃO, António Rodrigues. *O Movimento Operário da Covilhã. Volume II (1907-1926)*.

CARDOSO, Andrea. *Monumentos, Cidade, Património, Reabilitação*. Nº 29. Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana. Julho 2009.

DA SILVA, José Aires. *História da Covilhã - (1870-1970): Centenário da Cidade*. Lisboa. Edição do autor. 1970.

DE BRITO, Joana Isabel Teixeira. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Ciclo de Estudos Integrado. "A Cidade Industrial - Reabilitação e Renovação de Identidade. Caso de Estudo: Tinturaria Pettruci". Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2012.

DELGADO, Rui Nunes Proença. *No Centenário da Escola Industrial Campos Melo na Covilhã (1884-1984) - Estudos de História*. Covilhã. 1984.

DO ESPÍRITO SANTO, Teresa Raquel de Carvalho. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. "Covilhã - Paisagem Industrial". Universidade de Coimbra. 2010.

FERREIRA DE CASTRO. *A Lã e a Neve*. Obras Completas de Ferreira de Castro. 2010.

LANZINHA, João Carlos Gonçalves Lanzinha. *Reabilitação de Edifícios - Metodologia de Diagnóstico e Intervenção*. Fundação Nova Europa. UBI. Covilhã. 2009.

PASAJES CONSTRUCCIÓN. Nº 34. Edição: América Ibérica.

PASAJES DE ARQUITECTURA Y CRITICA. Nº 121. Edição: América Ibérica.

Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado. Distrito de Castelo Branco. IPPAR. Lisboa. 1993.

PINHEIRO, Elisa Calado. *Rota da Lã Translana - Percursos e Marcas de um Território de Fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca, Tajo, Salor, Almonte (Espanha). Volume I - Reconhecimento e Valorização Patrimonial*. Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2008.

PINHEIRO, Elisa Calado. *Rota da Lã Translana - Percursos e Marcas de um Território de Fronteira. Volume II - Inventários das Vias Agro-pecuárias e do Património Edificado*

Associado à Indústria de Lanifícios. Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2009.

SARAIVA, Ana. MADALENO, Carlos Dias. PINHEIRO, Elisa Calado. *História da Covilhã, Datas, Figuras e Factos. Volume I - Covilhã Cidade*. Câmara Municipal da Covilhã. Setembro 2013.

VICENTE, Sérgio Paulo Gomes. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Ciclo de Estudos Integrado. "Reabilitação da Fábrica Campos Melo e Requalificação Urbana da Envolvente". Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2008.

<http://www.ccalfandegaporto.com/#//> (acedido em Junho de 2014)

<http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt> (acedido em Agosto de 2014)

www.cm-covilha.pt (acedido em Fevereiro 2014)

<http://www.fibeira.pt/Grupo-Fibeira.aspx?lang=pt> (acedido em Agosto de 2014)

w.lxfactory.com/PT/welcome/ (acedido em Junho de 2014)

<http://mafiadacova.blogspot.pt/2011/02/new-blog-on-blockcovilharevisitadablogs.html>
(acedido em Setembro de 2014)

<http://www.mataderomadrid.org/index.php> (acedido em Junho de 2014)

<http://sociologico.revues.org/444> (acedido em Março de 2014)

<http://visao.sapo.pt/lx-factory-a-fabrica-mais-cool-de-portugal=f728909> (acedido em Abril de 2014)

<http://www.palaisdetokyo.com/fr> (acedido em Abril de 2014)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/10726882/> (acedido em Março de 2014)

